



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS, AMBIENTAIS E BIOLÓGICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM BIOLOGIA

ELLEN LEAL PEREIRA DA SILVA

**EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA:
PERCEPÇÕES DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS DOS ANOS
FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Cruz das Almas-BA

2023

ELLEN LEAL PEREIRA DA SILVA

**EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA:
PERCEPÇÕES DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS DOS ANOS FINAIS
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada ao componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Licenciatura em Biologia, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Biologia.

Orientadora: Profa. Dra. Rosana Cardoso Barreto Almassy

Cruz das Almas-BA

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS, AMBIENTAIS E BIOLÓGICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM BIOLOGIA


ELLEN LEAL PEREIRA DA SILVA

**EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA:
PERCEPÇÕES DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS DOS ANOS FINAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

A supracitada monografia foi aprovada pelos membros da Banca Examinadora e aceita por esta Instituição de Ensino Superior como Trabalho de Conclusão de Curso, no nível de graduação, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Biologia.


Cruz das Almas-BA, 24 de maio de 2023.

Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente
 ROSANA CARDOSO BARRETO ALMASSY
Data: 29/05/2023 15:57:20-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


Profa. Dra. Rosana Cardoso Barreto Almassy (CCAAB/UFRB)

Doutora em Ciências da Educação – Universidade do Minho/PT
Orientadora

Documento assinado digitalmente
 TATIANA POLLIANA PINTO DE LIMA
Data: 29/05/2023 21:04:40-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Tatiana Polliana Pinto de Lima (CECULT/UFRB)

Doutora em Educação – Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Examinadora

Documento assinado digitalmente
 ROSINEIDE PEREIRA MUBARACK GARCIA
Data: 30/05/2023 09:03:11-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Rosineide Pereira Mubarack Garcia (CCAAB/UFRB)

Doutora em Educação – Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gratidão a Deus, por ter me dado força e coragem para vencer mais uma etapa importante da minha vida. A palavra de honra é gratidão! Sair de casa ainda tão jovem para trilhar um árduo caminho, rumo aos meus objetivos de vida, foi a escolha mais acertada que fiz nos últimos anos. Neste percurso esteve presente a tão sonhada Universidade! Já se passaram seis anos e, como ninguém anda sozinho, tenho muito a agradecer a todos que estiveram ao meu lado nesta caminhada.

Agradeço à minha mãe Odete, que abriu mão de muita coisa para estar ao meu lado, apoiando-me. Sem ela, nada disso seria possível. Sou grata por todo o amor, cuidado, atenção e esforço e por todos os momentos dedicados a mim. Nenhuma palavra que eu utilizar será suficiente para expressar o tamanho amor que sinto por ela. Obrigada por ser você, mãe! Ao meu pai Mário César (*in memoriam*), por todo o carinho, proteção e incentivo. Eu amo vocês para sempre!

À minha irmã Emile, muito obrigada por ser minha fonte de inspiração. Não preciso olhar para muito longe, já que tenho você ao meu lado, pois sua força e determinação me motivam a ser melhor!

Ao meu namorado Jhon, por todo o amor, carinho, apoio e incentivo. Você e a nossa pequena Eloá fazem parte desta trajetória. Gratidão, filha, por ser minha mais nova fonte de determinação e inspiração!

À minha tia Clara, por todo o carinho e incentivo, pelas longas conversas, pelos sábios conselhos e palavras de conforto. Obrigada, tia, por ser meu sistema de apoio mais incrível do mundo!

À matriarca da família Leal, Xica (*in memoriam*) e à minha avó Lia, obrigada por todo o amor, cuidado e preocupação.

À minha avó Hilda (*in memoriam*) e ao meu avô Zeca, obrigada por acreditarem em mim. Jamais esquecerei todo o apoio tão significativo nesta trajetória.

Aos meus queridos tios e tias, paternos e maternos, por todo o auxílio ao longo desta jornada.

Ao meu primo Caio, por todo o companheirismo e auxílio nesta jornada, obrigada por ser meu apoio, obrigada por tudo!

À Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, por me proporcionar experiências tão incríveis e me presentear com boas amizades, em especial as amigas Sami, Josi, Dani e Thai – obrigada por todo o companheirismo, choros, risos, abraços e pelas longas horas de estudo!

À minha amiga Sami e a toda a sua família, obrigada por ser a minha melhor pessoa, por dividir comigo a vida, por ser minha irmã e minha dupla. Você ocupa um lugar de muita importância na minha vida, obrigada por ser determinação e inspiração!

A todos os meus educadores, do ensino infantil até a graduação. Consigo lembrar com muito carinho de cada um deles. Quero destacar alguns professores que mudaram minha visão de educação e que a tornaram muito mais significativa: professor Neilton Silva e as professoras Rosilda Arruda, Terciana Vidal, Patrícia Petitinga e Rosineide Mubarack e, principalmente, minha querida orientadora professora Rosana Almassy – obrigada por me ajudar neste processo formativo e por cada palavra de incentivo e tranquilidade. Sem o seu apoio e acompanhamento, nada disso seria possível!

Às minhas pedras preciosas, meus queridos colaboradores da pesquisa, por todo o acolhimento e apoio. Meus sinceros agradecimentos!

E a Deus, por ser minha paz e meu refúgio, e por me presentear com cada pessoa supramencionada! **Gratidão!**

SILVA, Ellen Leal Pereira da. **Educação Sexual na escola**: percepções de professores de Ciências dos anos finais do Ensino Fundamental. 2023. 61 f. Monografia (Licenciatura em Biologia) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cruz das Almas.

RESUMO

Mesmo reconhecendo a importância da Educação Sexual, muitos professores ainda não estão preparados para abordar a questão da sexualidade no espaço escolar, e, como agravante, por causa da desinformação, muitos pais não aceitam que seus filhos assistam às aulas sobre esse tema. Partindo dessas constatações e com base nas discussões acerca do ensino dessa temática nos anos finais do Ensino Fundamental, nesta pesquisa, buscou-se responder à seguinte questão: Como a sexualidade está sendo trabalhada pelos professores de Ciências dos anos finais do Ensino Fundamental? Para respondê-la, definiu-se como objetivo geral: analisar as percepções, expectativas e dificuldades dos professores de Ciências, bem como, as práticas pedagógicas utilizadas, ao trabalharem com a temática da sexualidade. A fim de alcançar tal objetivo, buscou-se: (a) conhecer as percepções dos professores de Ciências, no que diz respeito à Educação Sexual e sexualidade; (b) identificar as estratégias utilizadas nas práticas pedagógicas, no que diz respeito ao ensino dos objetos de conhecimento que discorrem sobre a sexualidade e (c) caracterizar as expectativas e dificuldades enfrentadas por esses professores no que concerne às aulas ministradas sobre a temática da sexualidade. Metodologicamente, a pesquisa ancorou-se na abordagem qualitativa, de cunho descritivo e exploratório, sendo a coleta de dados realizada através de questionário semiaberto, aplicado a cinco professores de Ciências dos anos finais do Ensino Fundamental. Quanto aos resultados, os dados analisados apontaram que a maioria dos professores reconhece a importância da Educação Sexual no âmbito escolar, mas apresenta uma percepção biológica da sexualidade. Além disso, as estratégias utilizadas nas práticas pedagógicas estão restritas ao uso de livro didático, e as dificuldades desses professores no desenvolvimento de aulas sobre o tema estão relacionadas, entre outros fatores, à falta de formação continuada, ao receio da família e à imaturidade dos alunos.

Palavras-chaves: Anos Finais do Ensino Fundamental. Educação Sexual. Sexualidade.

SILVA, Ellen Leal Pereira da. **Sexual Education in school**: perceptions of science teachers in the final years of primary school. 2023. 61 f. Undergraduate Thesis (Degree in Biology) – Federal University of Recôncavo da Bahia, Cruz das Almas.

ABSTRACT

Even though they recognise the importance of Sexual Education, many teachers are not prepared yet to address the issue of sexuality in the school space, and, as an aggravating factor, the lack of information means that many parents do not accept that their children attend classes on this topic. Based on these findings and on discussions about the teaching of this subject in the final years of primary education, this monograph aimed to answer the following research question: How is sexuality being addressed by Science teachers in the final years of primary school? To answer it, the following general objective was defined: to analyze the perceptions, expectations and difficulties of Science teachers, as well as the pedagogical practices used when working with the theme of sexuality. In order to achieve this goal, it was sought (a) to know the perceptions of science teachers regarding Sexual Education and sexuality, (b) to identify the strategies used in pedagogical practices, regarding the teaching of knowledge objects that deal with sexuality and (c) to characterize the expectations and difficulties faced by these teachers regarding the lessons taught on the sexuality theme. Methodologically, the research was anchored in the qualitative approach, of descriptive and exploratory nature, the data collection was carried out through semi-open questionnaire, applied to five science teachers of the final years of primary schools. Regarding the results, the analyzed data pointed out that most teachers recognize the importance of Sexual Education within the school environment, but present a biological perception of sexuality. In addition, the strategies used in the pedagogical practices are restricted to the use of textbooks, and the difficulties of these teachers in developing classes about the theme are related, among other factors, to the lack of continuous training, to the fear of the family, and to the immaturity of the students.

Keywords: Final Years of Elementary School. Sexual Education. Sexuality.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadros

Quadro 1 – Participantes da pesquisa.....29

Quadro 2 – Perfil de formação dos participantes da pesquisa29

Gráficos

Gráfico 1 – Situações nas quais se destaca a importância da Educação Sexual no ambiente escolar..... 33

Gráfico 2 – Frequência e como o tema sobre sexualidade é incluído nas aulas de Ciências ..38

Gráfico 3 – Classificação dos pesquisados quanto à frequência e ao tipo de aula adotada para o ensino da temática sexualidade 40

Gráfico 4 – Frequência com que os professores usam as estratégias e/ou recursos didáticos para a abordagem de temas relacionados à sexualidade.....41

Gráfico 5 – Dificuldades encontradas para ministrar aulas em relação aos temas inerentes ao ensino da temática da sexualidade.....45

Gráfico 6 – Expectativas dos professores para aulas sobre a temática da sexualidade47

Infográfico

Infográfico 1 – Orientação Sexual e Identidade de Gênero (quais são e o que significam)....37

Tabela

Tabela 1 – Objetos de conhecimento sobre sexualidade contemplados nas aulas de Ciências43

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
EIS	Educação Integral em Sexualidade
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IST	Infecções Sexualmente Transmissíveis
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação e Cultura
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PSE	Programa de Saúde na Escola
SPE	Saúde e Prevenção na Escola
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura
UNESP	Universidade Estadual Paulista
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 O ENSINO DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO NÍVEL FUNDAMENTAL	14
2.1 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO SEXUAL	14
2.2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA O ENSINO DA SEXUALIDADE	18
2.3 EDUCAÇÃO SEXUAL NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	21
3 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA	26
3.1 CONTEXTO E ESTRUTURA DA PESQUISA.....	26
3.2 INSTRUMENTO UTILIZADO PARA A COLETA DE DADOS.....	27
3.3 LOCAL E CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA	28
3.4 ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS	30
4 PERCEPÇÕES, EXPECTATIVAS E DIFICULDADES DOS PROFESSORES DE CIÊNCIAS ACERCA DA TEMÁTICA SEXUALIDADE.....	32
4.1 IMPORTÂNCIA E ABORDAGEM DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO AMBIENTE ESCOLAR.....	32
4.2 ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PELOS PROFESSORES PARA O ENSINO DOS OBJETOS DE CONHECIMENTO QUE DISCORREM SOBRE SEXUALIDADE	38
4.3 EXPECTATIVAS E DIFICULDADES ENFRENTADAS PELOS PROFESSORES DE CIÊNCIAS PARA MINISTRAR AULAS SOBRE SEXUALIDADE.....	44
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS	51
APÊNDICES	54
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	55
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA QUALITATIVA PARA O PROFESSOR DE CIÊNCIAS	56

1 INTRODUÇÃO

A abordagem da sexualidade é uma temática importante que abrange diferentes faixas etárias. Ao contrário do que muitas pessoas pensam, falar sobre sexualidade não é apenas falar sobre sexo, relação sexual ou prática sexual; falar sobre sexualidade é muito mais do que isso, pois esse assunto faz parte da vida das pessoas, e quando falamos em sexualidade estamos falando do nosso próprio ser. Nesse sentido, a sexualidade

[...] inclui o sexo, a afetividade, o carinho, o prazer, o amor ou o sentimento mútuo de bem querer, os gestos, a comunicação, as relações de gênero, o toque e a intimidade. Inclui, também, a orientação sexual, a identidade sexual e a identidade de gênero, assim como os valores e as normas morais que cada cultura elabora sobre o comportamento sexual (FIGUEIRÓ, 2018, p. 89).

Levando em consideração essa complicação entre os termos sexo e sexualidade, ainda que ambos tenham significados distintos, precisamos, *a priori*, compreender a definição dada a cada um deles. O termo “sexo” pode ser entendido como relação

[...] corporal e/ou virtual, com práticas que despertam desejos a partir da estimulação erótica, por meio dos nossos sentidos: visão, tato, audição, olfato e paladar, além da imaginação, que podem desencadear a excitação, o orgasmo e o prazer (SANTOS, 2021, p. 18).

A Educação Sexual, por sua vez, aborda questões ligadas à sexualidade, como cuidado com o corpo, orientação sexual, questões de gênero, abuso sexual, gravidez indesejada/não planejada, respeito à diversidade, dentre outros. A Educação Sexual¹ faz parte de nossa vida desde o nascimento, seja na família, na escola ou nas rodas de conversas. Observando a sociedade contemporânea, notamos que a sexualidade está presente nas piadinhas diárias trocadas entre amigos ou conhecidos, nos muros e corredores da escola, nas músicas, no namoro, no apelido, no cuidado com o corpo, na formação de ideias e valores, no comportamento, na internet e na televisão.

De acordo com Figueiró (2020, *s. p.*), a Educação Sexual “[...] possibilita conceber o educando, aquele que aprende, como sujeito ativo no processo de aprendizagem e não como mero receptor passivo de conhecimentos, informações e/ou orientações.” Observamos que, durante as aulas de todos os componentes curriculares na Educação Básica, são frequentes as perguntas relacionadas ao conteúdo programático e não programático, mas quando as perguntas estão relacionadas à sexualidade o professor costuma repreender e fugir do conteúdo, como se

¹ Compreendendo a importância da definição dos termos-chave deste estudo, optamos pelo uso da expressão Educação Sexual, por considerá-la mais adequada.

não fosse um momento oportuno para discutir o assunto com o aluno e orientá-lo adequadamente.

Percebemos que, apesar de reconhecerem a importância da Educação Sexual, muitos professores não estão preparados para abordar a questão da sexualidade no espaço escolar, muitas vezes, por causa da desinformação dos professores e da negação da família dos educandos ao acesso à Educação Sexual nas escolas, pois muitos acreditam que cabe à família educar seus filhos acerca do tema. Isso evidencia que, como resultado do processo formativo e da sociedade conservadora dos quais somos frutos, não somos educados para vivermos a sexualidade de maneira livre, e falar sobre sexualidade em alguns espaços continua a ser um grande desafio.

Além disso, são crescentes o fluxo de desinformação e o preconceito quanto à orientação sexual, à gravidez na adolescência e à contaminação com as infecções sexualmente transmissíveis (IST). Nesse cenário, precisamos, ainda, considerar o aumento nos índices de violência sexual contra crianças e adolescentes cometida por familiares. Por tudo isso, a Educação Sexual é imprescindível, pois ela

[...] tem a ver com o direito de toda pessoa de receber informações sobre o corpo, a sexualidade e o relacionamento sexual e, também, com o direito de ter várias oportunidades para expressar sentimentos, rever seus tabus, aprender, refletir e debater para formar sua própria opinião, seus próprios valores sobre tudo que é ligado ao sexo (FIGUEIRÓ, 2018, p. 105).

Como um local que recebe diariamente as crianças e os adolescentes, a escola é um espaço de aprendizagem, convívio e socialização, de referência para discussões e esclarecimento de dúvidas, tendo os professores e as professoras o papel de agentes capazes de tornar o debate sobre a Educação Sexual uma realidade no dia a dia. Com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a questão da sexualidade precisa ser apresentada no currículo escolar como um tema transversal, ou seja, o conteúdo precisa estar presente em toda a escola, sem restringi-lo à abordagem de uma única área do conhecimento. Desse modo, esse tema pode ser ensinado nas aulas de História, Matemática, Português, Artes, Educação Física, Ciências Naturais etc., como evidenciado pelos PCN sobre orientação sexual:

A escola, sendo capaz de incluir a discussão da sexualidade no seu projeto pedagógico, estará se habilitando a interagir com os jovens a partir da linguagem e do foco de interesse que marca essa etapa de suas vidas e que é tão importante para a construção de sua identidade (BRASIL, 1998, p. 297).

Esse tema despertou o interesse acadêmico e docente da pesquisadora no início da sua caminhada como estudante do curso de Licenciatura em Biologia, após a realização de uma

ação pedagógica, oferecida para turmas dos anos finais do Ensino Fundamental, sobre as questões relacionadas à puberdade e às mudanças que ocorrem nessa fase, conforme proposta do componente curricular Fisiologia Humana, quando algumas indagações começaram a surgir, tais como estas: “Como os professores trabalham essa temática em sala de aula?”; “Quais conteúdos eles abordam?”; “Será que eles têm alguma dificuldade neste processo?”.

A essas primeiras inquietações seguiram muitas outras. Durante o desenvolvimento de alguns projetos, e ao ministrar aulas sobre a temática da sexualidade, chamavam a atenção as dúvidas, as curiosidades e a inquietude provocadas pelo tema nos alunos e em toda a comunidade escolar. Isso levou a pesquisadora a questionar como a temática estava sendo abordada em sala de aula. Assim, partindo dessas vivências, marcadas por uma série de impedimentos, o seu interesse se transformou em uma pesquisa acadêmica sobre a sexualidade no âmbito escolar, ancorada no seguinte **problema central de pesquisa**: Como a sexualidade está sendo trabalhada pelos professores de Ciências dos anos finais do Ensino Fundamental?

Visando responder a esta pergunta, definimos como **objetivo geral**: Analisar as percepções, expectativas e dificuldades dos professores de Ciências, bem como as práticas pedagógicas utilizadas ao trabalharem com a temática da sexualidade. Para atendê-lo, elaboramos os seguintes **objetivos específicos**: (a) conhecer as percepções dos professores de Ciências sobre Educação Sexual e sexualidade; (b) identificar as estratégias utilizadas nas práticas pedagógicas no que diz respeito ao ensino dos objetos de conhecimento que discorrem sobre a sexualidade; e (c) caracterizar as expectativas e dificuldades enfrentadas por esses professores no que concerne às aulas ministradas sobre a temática da sexualidade.

Metodologicamente, para alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa, optamos pela abordagem qualitativa, que se preocupa em ouvir e relatar o ponto de vista dos participantes de forma ativa e reflexiva, levando em consideração sua vivência. Além disso, esta pesquisa também possui caráter descritivo e exploratório. Quanto às técnicas de coleta de dados, utilizamos um questionário semiaberto. Após a coleta de dados, as informações obtidas foram separadas, organizadas e categorizadas de acordo com os objetivos específicos. O questionário foi respondido por cinco professores de Ciências dos anos finais do Ensino Fundamental, da rede municipal da cidade de Conceição da Feira, Bahia, situada na Região Metropolitana de Feira de Santana.

Para descrever os caminhos da pesquisa e analisar os resultados obtidos, dividimos esta monografia em cinco capítulos, sendo o primeiro a introdução e o último, as considerações finais. No segundo capítulo, apresentamos o referencial teórico desta pesquisa, construindo reflexões sobre a Educação Sexual, e um breve panorama histórico sobre o tema, incluindo

aspectos referentes à formação de professores e aos recursos e estratégias para o ensino da sexualidade. No terceiro capítulo, destacamos a trajetória metodológica da pesquisa, evidenciando a abordagem utilizada, bem como os sujeitos envolvidos e as estratégias de coleta e análise dos dados. Já no quarto capítulo, apresentamos a análise dos dados coletados através dos questionários, buscando responder ao problema de pesquisa.

2 O ENSINO DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO NÍVEL FUNDAMENTAL

Este capítulo aborda os aspectos teóricos relevantes acerca do processo do ensino da Educação Sexual no nível fundamental, bem como, seu histórico, dificuldades e perspectivas desse contexto, de modo a entender a relevância dessas questões na formação de professores.

2.1 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO SEXUAL

A institucionalização do conhecimento sexual no Brasil ocorreu a partir do final do XIX e principalmente nas primeiras décadas do século XX, quando médicos e, posteriormente educadores e psicólogos produziram uma vasta gama de obras sobre Educação Sexual.

Pensamos que podemos estabelecer o século XIX como o período em que o sexo se tornou oficialmente objeto de estudo institucionalizado no Brasil. É na Medicina que o discurso sexual encontra sua primeira acolhida e é dos médicos que surgem os primeiros enunciados sexuais, ainda que voltados para uma nosologia das perversões, desvios e condutas patológicas (BEDIN, 2016, p. 22).

Antes da década de 1960, as tentativas de ofertar cursos de Educação Sexual aos indivíduos somente aconteceram em escolas protestantes e naquelas que não tinham vínculos religiosos, devido à repressão ao sexo propagada pela Igreja Católica. No entanto, após a década de 1960, alguns colégios católicos também passaram a desenvolver programas de Educação Sexual (FIGUEIRÓ, 1998). De acordo com Figueiró (1998), no final da década de 1960 e em boa parte da década de 1970, acontecimentos políticos repressivos de grande importância (período da ditadura militar) influenciaram negativamente o processo de implantação de programas de Educação Sexual no Brasil, mudando o rumo tomado pela história das experiências de implantação. Essa mudança levou à proibição da transmissão de informações sobre meios anticoncepcionais e controle de natalidade nas escolas públicas do país.

Em 1978 renasceu o interesse pela Educação Sexual no Brasil, porém a abertura não se deu de maneira homogênea, visto que um conjunto de acontecimentos repressivos ainda continuou acontecendo, apesar do abrandamento geral da censura oficial e oficiosa no final dos anos 1970 (FIGUEIRÓ, 1998). Nesse cenário, em 1978, foi realizado em São Paulo o I Congresso sobre Educação Sexual nas Escolas. Esse primeiro congresso e os subsequentes abriram espaço para o debate público sobre Educação Sexual nas escolas, ganhando destaque na mídia e atendendo a uma crescente demanda da população que precisava falar e ouvir sobre sexualidade (ROSEMBERG, 1985 apud BUENO; RIBEIRO, 2018).

No final da década de 1970, a liberação sexual provocou mudanças de comportamento e questionamentos dos tabus, preconceitos e posturas conservadoras. Nesse período, o sexo aparecia nos filmes e nos *sex shops*, e numerosos debates abordando a sexualidade foram realizados no final da década de 1970 e no início da de 1980, quando então a demanda por trabalhos na área da sexualidade nas escolas aumentou em especial pela preocupação com a expansão da AIDS, juntamente com o grande aumento dos casos de gravidez indesejada entre as adolescentes, o que preocupava os educadores. Ainda nessa década, muitos livros de análise da sexualidade foram publicados para as crianças, jovens e adultos; já os de caráter científico visavam, principalmente, refletir sobre a Educação Sexual escolar (FIGUEIRÓ, 1998; BUENO; RIBEIRO, 2018).

Na década seguinte, houve muitas publicações, projetos, eventos e grupos de estudos sobre sexualidade. De acordo com Bedin (2016), em 1990, foi criado o Sexualidade & Vida na USP de Ribeirão Preto, pela professora Maria Alves de Toledo Bruns, e, em 1997, o Grupo de Pesquisa e Estudos sobre Sexualidades, da UNESP (Campus de Marília), por Hugues Costa de França Ribeiro. Esses núcleos de estudos se fundamentaram na luta acadêmica, sendo responsáveis por muitas pesquisas na área de Educação Sexual (GODOY, 2018).

No cenário da Educação Básica, em decorrência das determinações da Constituição Federal de 1988 e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996, Lei nº 9.394/96, foram estabelecidos os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), sendo o primeiro instrumento normativo que objetivou a inserção e oficialização do tema da sexualidade e do gênero no currículo escolar (CATRINCK; MAGALHÃES; CARDOSO, 2020). Conforme ressalta Figueiró (1998), à oficialização dos PCN's soma-se o forte impulso que os meios de comunicação, especialmente a TV, deram à questão da Educação Sexual na escola na década de 1990, com a apresentação de variedades de reportagens que discutiam o papel da escola e da família e depoimentos de estudantes que tinham ou não vivido a Educação Sexual na escola.

Publicado em 1997 e 1998, os PCN sugerem que questões sociais, como ética, saúde, orientação sexual, meio ambiente e pluralidade cultural, sejam trabalhadas de forma transversal, ou seja, por todas as áreas do conhecimento:

Por tratarem de questões sociais, os Temas Transversais têm natureza diferente das áreas convencionais. Sua complexidade faz com que nenhuma das áreas, isoladamente, seja suficiente para abordá-los. Ao contrário, a problemática dos Temas Transversais atravessa os diferentes campos do conhecimento (BRASIL, 1997, p. 29).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a orientação sexual na escola deve ser entendida como um processo de intervenção pedagógica, cujo objetivo consiste

em transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associados (BRASIL, 1997). Atualmente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), implementada, em 2017, para a Educação Infantil e Ensino Fundamental e, em 2018, para o Ensino Médio, é o documento que rege as Diretrizes Curriculares para a Educação Básica. Ao contrário do que determinavam os PCN's, ao considerar a sexualidade no documento atual, notamos um retrocesso, uma vez que a temática sexualidade é referida pela BNCC tão somente em seu aspecto biológico, abordando conteúdos vinculados à anatomia e à fisiologia da reprodução humana (ASSIS; SOUZA; BARBOSA, 2021) e sendo mencionada na área de Ciências da Natureza, especificamente na disciplina de Ciências, para o 8º ano do Ensino Fundamental (MONTEIRO; RIBEIRO, 2020).

Embora no Brasil ainda não haja nenhuma lei que regulamente o trabalho voltado à Educação Sexual nas escolas, existem vários documentos que respaldam o desenvolvimento de intervenções nessa área (GESSER *et al.*, 2012). Inúmeros documentos nacionais e internacionais servem de base para uma Educação Sexual que ultrapasse a abordagem reprodutiva (SANTOS, 2021, p. 91). A Orientação Técnica Internacional sobre Educação em Sexualidade – uma abordagem baseada em evidências, da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciências e a Cultura (UNESCO), de 2019, destaca que o objetivo da educação integral em sexualidade (EIS) consiste em “[...] transmitir conhecimentos, habilidades, atitudes e valores a crianças, adolescentes e jovens de forma a fornecer-lhes autonomia para: garantir a própria saúde, bem-estar e dignidade” (UNESCO, 2019, p. 16). Essas orientações foram desenvolvidas no intuito de auxiliar autoridades de educação, saúde e outras áreas relevantes no desenvolvimento e na implementação de programas e matérias para uma educação abrangente em sexualidade dentro e fora da escola (UNESCO, 2019).

Em 2007 foi instituído o Programa de Saúde na Escola (PSE), pelo Decreto Presidencial nº 6.286, do Ministério da Saúde e do Ministério da Educação. Na seção do componente II – Promoção e Prevenção à Saúde –, como tema Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE), é destacado o seguinte: a educação para a saúde sexual, saúde reprodutiva e prevenção das IST/AIDS, cujo objetivo consiste em contribuir para a formação integral dos estudantes da rede pública de ensino por meio de promoção, prevenção e atenção à saúde, com vistas ao enfrentamento das vulnerabilidades que comprometem o seu pleno desenvolvimento (BRASIL, 2011).

Os aspectos anteriormente expostos possibilitam a elaboração de algumas reflexões sobre a história e os conceitos que permeiam a sexualidade e o campo da Educação Sexual, as leis e as diretrizes que orientam como deve ser essa educação e a forma como o professor deve abordar o assunto em sala de aula (SOUSA, 2016). Os marcos históricos destacados evidenciam

que a história da sexualidade tem sido, muitas vezes, inibida, julgada, reprimida e banalizada, ainda que a sexualidade esteja sempre presente na vida dos educandos.

A Educação Sexual é, antes de tudo, uma prática ou ação de discussão de conhecimentos, representações, valores e práticas, ou seja, é essencialmente uma forma de educação (BONFIM, 2009). Para pensar no real sentido da Educação Sexual, basta analisar os vários aspectos da vida que a sexualidade engloba, aspectos, como identidade sexual, gênero, sentimentos, relacionamentos, sensações e a forma como cada sujeito se conecta consigo e com o seu corpo, nas brincadeiras, nas piadinhas e no toque. Certamente, estamos atrelados à sexualidade, e em qualquer que seja o momento ela se faz presente, independente se acontece de maneira informal ou formal.

Nesse viés, Figueiró (2020) identifica dois tipos de Educação Sexual: a informal e a formal. Todas as ações não planejadas, acontecidas no dia a dia, constituem a Educação Sexual informal já a formal diz respeito a todo o ensino intencional e planejado sobre a sexualidade, realizado na escola, na igreja, no posto de saúde ou até mesmo em casa, quando, por exemplo, as mães e os pais, intencionalmente, escolhem um livro sobre sexualidade e decidem ler junto com a criança.

Quando realizada na escola, a Educação Sexual contribui para o conhecimento das crianças e dos adolescentes nas vivências de questões relativas à sexualidade, pois fornece acesso a informações capazes de auxiliar nas tomadas de decisões. Para Ribeiro e Reis (2007), a Educação Sexual assume, desse modo, o caráter preventivo, pois mostra também às crianças e adolescentes um pouco do que eles vivenciarão no futuro. Nessa perspectiva, os Parâmetros Curriculares Nacionais enfatizam que o trabalho de orientação sexual

[...] também contribui para a prevenção de problemas graves, como o abuso sexual e a gravidez indesejada. Com relação à gravidez indesejada, o debate sobre a contracepção, o conhecimento sobre os métodos anticoncepcionais, sua disponibilidade e a reflexão sobre a própria sexualidade ampliam a percepção sobre os cuidados necessários quando se quer evitá-la. Para a prevenção do abuso sexual com crianças e jovens, trata-se de favorecer a apropriação do corpo, promovendo a consciência de que seu corpo lhes pertence e só deve ser tocado por outro com seu consentimento ou por razões de saúde e higiene. Isso contribui para o fortalecimento da autoestima, com a consequente inibição do submetimento ao outro (BRASIL, 1997, p. 293).

Portanto, é na escola que se espera que os alunos aprendam a questionar, posicionando-se e refletindo diante das diversas questões vivenciadas sobre a sexualidade no cotidiano. A escola deve ser o principal espaço para a Educação Sexual acontecer, porém, quando a família reforça certos valores, crenças e convicções, as crianças e os adolescentes chegam à escola com

uma bagagem e uma identidade familiar formadas. Como destacado por Maia e Ribeiro (2011, p. 78), que embora

[...] a Educação Sexual possa ser realizada em diferentes instituições, como ambulatórios e postos de saúde, sindicatos, fábricas, universidades, consideramos que a escola é o espaço mais propício para realizá-la, primeiro porque se começa a frequentar a escola já com seis anos de idade, e, idealmente, espera-se que o indivíduo nela permaneça até os dezoito anos, quando termina o Ensino Médio. Segundo porque a escola tem por função social a transmissão do saber historicamente acumulado e de sua dimensão ético-política.

Por essa razão, a Educação Sexual escolar precisa não apenas orientar, ensinar, informar, mas também discutir, refletir e questionar valores e concepções, a fim de possibilitar a compreensão dos referenciais culturais, históricos e éticos que fundamentam a noção de sexualidade e prática sexual (MAIA; RIBEIRO, 2011). Desse modo, as ações em Educação Sexual precisam considerar a sexualidade de forma ampla (histórica e política, relacionamentos sociais e culturais, questões mentais e psicológicas), e não apenas como uma abordagem biológica e preventiva (corpo humano, funções reprodutivas e infecções sexualmente transmissíveis), como geralmente ocorrem (GODOY, 2018; CARVALHO, 2020).

Evidentemente, as discussões construídas de forma ética sobre a Educação Sexual podem ajudar as crianças e adolescentes a responderem suas próprias questões e a lidarem com a sexualidade de forma mais natural e distanciada dos tabus (SANTOS, 2021). Assim, persistir na defesa da Educação Sexual escolar é uma forma de propiciar a formação de adolescentes mais equilibrados, críticos, livres de tabus e preconceitos, capazes de viver sua sexualidade com responsabilidade e preparados para intervir positivamente nas mais diversas situações relacionadas à sexualidade, como, por exemplo, quando diante de uma situação de violência sexual.

2.2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA O ENSINO DA SEXUALIDADE

A Educação Sexual precisa ser mais que uma mera informação, garantindo, sobretudo, que as crianças e os adolescentes aprendam a lidar com os problemas de forma crítica e distanciada de tabus, respeitando os valores de todas as pessoas. Essa perspectiva leva-nos a questionar se os professores se sentem preparados para trabalhar a temática em sala de aula. Considerando essa inquietação, Figueiró (2018, p. 87) observa que, apesar de os professores reconhecerem a importância da Educação Sexual no processo formativo dos alunos, a formação docente desses profissionais não foi capaz de prepará-los para trabalhar a questão da

sexualidade no espaço escolar, o que se torna mais difícil quando constatamos o caráter repressor da nossa sociedade quando o assunto está relacionado à sexualidade, resultando em uma clara dificuldade para falar abertamente sobre o tema.

Os professores (e as demais pessoas), mesmo sem perceber, transmitem valores com relação à sexualidade no seu trabalho cotidiano, inclusive pela forma como respondem ou não às questões mais simples levantadas pelos alunos (BRASIL, 1998). Por isso, a formação do educador é fundamental, e cada vez mais se torna necessário que o professor receba formação para atuar em processos de Educação Sexual, tanto como parte do currículo acadêmico como em cursos de formação continuada (MAIA; RIBEIRO, 2011).

Além da formação docente, precisamos também considerar a participação dos pais nesse processo. Segundo Figueiró (2018, p. 88), a preocupação de alguns pais, por temerem que “[...] os professores passem, para seus filhos, os valores que eles, professores, defendem”, é um fator a ser analisado, pois tabus e ideias preconceituosas podem interferir na concretização de uma formação integral, e, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais sobre orientação sexual, a

[...] escola deve informar, problematizar e debater os diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes existentes na sociedade, buscando não a isenção total, o que é impossível, mas um maior **distanciamento das opiniões e aspectos pessoais dos professores** para empreender essa tarefa (BRASIL, 1998, p. 302, grifos nossos).

De modo complementar, Moreira, Maia e Jacinto (2020) ressaltam que os professores se preocupam com o ponto de vista dos familiares, argumentando que eles desconhecem o assunto e que as lacunas em sua formação impedem uma atuação docente segura quando o assunto está relacionado à sexualidade. Nesse cenário, a escola e os familiares precisam trabalhar em parceria, fornecendo o acesso à formação específica que os professores necessitam para discutir sobre sexualidade com crianças e jovens. Além disso, os educadores precisam buscar conhecimentos e reconhecer a importância de ensinar Educação Sexual, a fim de realizar um trabalho exitoso.

Conforme afirma Chaveiro *et al.* (2015), a intervenção pedagógica em sexualidade deve estar voltada ao atendimento das necessidades dos alunos, pautada na problematização e nas reflexões gerais que o tema demanda, desvinculando-se de crenças, tabus e valores pessoais, construindo uma postura ética em sua atuação. Isso porque, em sala de aula, a questão da sexualidade está sempre presente, em diversas ações realizadas pelos estudantes, que sabatinam e desafiam o educador a responder o que querem saber. Logo, o educador precisa procurar formas adequadas para informar corretamente, tendo em vista que a sexualidade não diz

respeito apenas aos conhecimentos sobre anatomia e fisiologia dos sistemas genitais, e também não está acompanhada de receitas prontas. Nesse viés, os Parâmetros Curriculares Nacionais ressaltam que, para um consistente trabalho com a Educação Sexual, é

[...] necessário que se estabeleça uma relação de confiança entre alunos e professores. Os professores precisam se mostrar disponíveis para conversar a respeito dos temas propostos e abordar as questões de forma direta e esclarecedora, exceção feita às informações que se refiram à intimidade do educador (BRASIL, 1998, p. 302).

De acordo com Nogueira *et al.* (2016, p. 320), os professores, muitas vezes, não “[...] conversam com seus alunos pela falta de informações sobre a temática, por não conhecerem suficientemente o assunto ou não conseguem informar e/ou transmitir os conteúdos durante as aulas.” Complementarmente, Souza, Silva e Santos (2015, p. 60) asseveram que a ausência de qualificação docente na área de Educação Sexual, atrelada a outras dificuldades, “[...] na maioria dos casos, reduz a motivação para planejar e selecionar modalidade didáticas que impulsionem o desenvolvimento da Educação Sexual.”

Esse quadro evidencia que, em função do tema ainda ser considerado um tabu, falar sobre sexualidade na escola ainda assusta a muitos indivíduos, o que demanda do professor mais discussões com os estudantes, ajudando-os a reverem e a repensarem o assunto. Desse modo, para que a Educação Sexual alcance suas principais finalidades e propostas,

[...] é necessário que os professores aumentem sua confiança em si mesmos e conheçam seu papel sexual. É essencial lidar com preconceitos, obter conhecimentos que abarquem as características biológicas, psicológicas, sociais, morais, políticas e as diversidades humanas (NOGUEIRA *et al.*, 2016, p. 320).

No entanto, os cursos de licenciatura não têm preparado os professores para trabalharem a Educação Sexual com seus alunos, e a formação continuada e a vivência cotidiana do docente têm sido a solução encontrada por muitos deles para suprir essa deficiência. Mas sabemos que não é o suficiente, pois tal medida atinge somente os professores que se dispõem a esses estudos, enquanto os demais professores optam por não falar sobre esse tema ou por falar a partir de suas experiências e valores pessoais.

Essa necessidade de formação também é confirmada por Bartasevicius e Miranda (2019), que, ao entrevistar professores sobre a superação de dificuldades na discussão dessa temática, constataram que as mudanças deveriam ser iniciadas nos cursos de formação inicial, de modo a contemplarem uma gama maior de disciplinas sobre as questões humanas e sociais. Nos PCN também está inserida a questão da formação adequada para o exercício da função de educador sexual, ao afirmarem que é “[...] necessário que o educador tenha acesso à formação específica para tratar de sexualidade com crianças e jovens na escola, possibilitando a

construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema” (BRASIL,1998, p. 303).

Nesse viés, Maia e Ribeiro (2011, p. 81) apresentam seis “[...] metas para garantir uma Educação Sexual crítica e emancipatória nas escolas”, dentre as quais destacamos a primeira, qual seja: a formação continuada de professores e professoras e agentes escolares dispostos a trabalhar com Educação Sexual em suas disciplinas. No entanto, como ressalta Figueiró (2018, p. 105), “[...] ensinar sobre sexualidade, no espaço escolar, não se limita a colocar em prática, estratégias de ensino. Envolve ensinar, por meio da atitude de educador, que a sexualidade faz parte de cada um de nós e pode ser vivida com alegria, liberdade e responsabilidade.” Portanto, esses cursos de formação não devem ser pontuais, mas sim amplos, formativos e com continuidade. A formação continuada deve ser entendida como mais uma possibilidade de crescimento pessoal e profissional, e todos podem ser beneficiados com esse aperfeiçoamento, visto que haverá nova motivação no trabalho com o tema.

2.3 EDUCAÇÃO SEXUAL NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Tendo em vista que a puberdade, caracterizada por ser a transição da infância para a vida adulta e quando muitas mudanças físicas e comportamentais são notadas, tem início por volta dos 10 anos de idade e “[...] é a fase de novas descobertas e novas experimentações” (BRASIL, 1998, p. 296). Por isso, o Ensino Fundamental, “[...] com nove anos de duração, é a etapa mais longa da Educação Básica, atendendo estudantes entre 6 e 14 anos” (BRASIL, 2017, p. 53). E no espaço escolar estão reunidos diariamente determinado número de adolescentes, cuja sexualidade se expressa das mais diferentes formas, facilitando o desenvolvimento do trabalho da Educação Sexual, mas exigindo, desta forma, um trabalho sistematizado e planejado.

Sem dúvidas, ensinar sobre sexualidade nos anos finais do Ensino Fundamental é uma tarefa necessária e urgente, e ações voltadas para esse âmbito proporcionarão aos alunos um futuro libertador e livre de tabus. Nesse sentido, os PCN destacam que experiências

[...] bem-sucedidas com Orientação Sexual em escolas que realizam esse trabalho apontam para alguns resultados importantes: aumento do rendimento escolar (devido ao alívio de tensão e preocupação com questões da sexualidade) e aumento da solidariedade e do respeito entre os alunos. Quanto às crianças menores, os professores relatam que informações corretas ajudam a diminuir a angústia e a agitação em sala de aula. No caso dos adolescentes, as manifestações da sexualidade tendem a deixar de ser fonte de agressão, provocação, medo e angústia, para tornar-se assunto de reflexão (BRASIL, 1998, p. 300).

Infelizmente, no contexto escolar atual, os temas voltados à sexualidade, na maioria das vezes, restringem-se a uma abordagem biológica, relacionada à prevenção. Essa constatação leva-nos a refletir sobre quais conteúdos acerca da sexualidade precisam ser ensinados, e como ensiná-los. Uma orientação é elencada pelos PCN, que organizam os assuntos em três blocos, a saber: 1) corpo, matriz da sexualidade; 2) relações de gênero; e 3) prevenção às Doenças Sexualmente transmissíveis/AIDS². Essa proposta de conteúdo responde

[...] à necessidade de eleger tópicos que devem ser necessariamente trabalhados e relacionados aos conteúdos de cada área, ou aos eleitos pelos alunos, e que sempre devem estar presentes em qualquer programa de Orientação Sexual, de forma a garantir informações e discussões básicas sobre sexualidade. Esses conteúdos devem possibilitar a abordagem dos diferentes assuntos, que variam de acordo com a faixa etária, cultura regional e fatos contemporâneos veiculados pela mídia ou vividos por uma determinada comunidade (BRASIL, 1998, p. 316).

Segundo o que é proposto pelos PCN (BRASIL, 1998, p. 91), o objetivo do ensino de Educação Sexual visa “[...] contribuir para que os alunos possam desenvolver e exercer sua sexualidade com prazer e responsabilidade.” Ao fim do Ensino Fundamental, conforme previsto pelo documento, os alunos precisam ser capazes de

Respeitar a diversidade de valores, crenças e comportamentos relativos à sexualidade, reconhecendo e respeitando as diferentes formas de atração sexual e o seu direito à expressão, garantida a dignidade do ser humano;
Compreender a busca de prazer como um direito e uma dimensão da sexualidade humana;
Conhecer seu corpo, valorizar e cuidar de sua saúde como condição necessária para usufruir prazer sexual;
Identificar e repensar tabus e preconceitos referentes à sexualidade, evitando comportamentos discriminatórios e intolerantes e analisando criticamente os estereótipos;
Reconhecer como construções culturais as características socialmente atribuídas ao masculino e ao feminino, posicionando-se contra discriminações a eles associadas;
Identificar e expressar seus sentimentos e desejos, respeitando os sentimentos e desejos do outro;
Reconhecer o consentimento mútuo como necessário para usufruir prazer numa relação a dois;
Proteger-se de relacionamentos sexuais coercitivos ou exploradores;
Agir de modo solidário em relação aos portadores do HIV e de modo propositivo em ações públicas voltadas para prevenção e tratamento das doenças sexualmente transmissíveis/Aids;
Conhecer e adotar práticas de sexo protegido, desde o início do relacionamento sexual, evitando contrair ou transmitir doenças sexualmente transmissíveis, inclusive o vírus da Aids;
Evitar uma gravidez indesejada, procurando orientação e fazendo uso de métodos contraceptivos;
Desenvolver consciência crítica e tomar decisões responsáveis a respeito de sua sexualidade;
Procurar orientação para a adoção de métodos contraceptivos (BRASIL, 1998, p. 91).

² Cabe destacar que, atualmente, a terminologia correta é IST (Infecções Sexualmente Transmissíveis), pois destaca a possibilidade de uma pessoa ter e transmitir uma infecção, mesmo sem sinais ou sintomas.

Alcançar todos esses objetivos não é uma tarefa fácil, demandando muito investimento na formação de professores, a fim de aprimorar sua atuação como educador sexual. Para Werebe (1998, p. 150 apud FIGUEIRÓ, 2018, p. 37), “[...] todos os professores, qualquer que seja a matéria que ministram, desempenham, consciente ou inconscientemente, uma ação no campo da Educação Sexual, assim como todos eles ensinam o vernáculo.” Cabe à escola proporcionar ações críticas, reflexivas e educativas em relação à sexualidade.

No caso da BNCC, documento formativo atualmente em vigor e que orienta a educação básica brasileira, a área de conhecimento Ciências da Natureza está organizada em três unidades temáticas, quais sejam: Matéria e Energia, Vida e Evolução e Terra e Universo. Todas elas elencadas como objeto do conhecimento e habilidades específicas essenciais para formação dos estudantes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Entretanto, das três unidades, a temática da sexualidade é abordada apenas na unidade Vida e Evolução, restringindo “[...] a disciplina de Ciências com ênfase na reprodução e doenças sexualmente transmissíveis e contemplada apenas no oitavo ano” (BARBOSA; VIÇOSA; FOLMER, 2019, *s. p.*). O foco dessa unidade temática, segundo a BNCC, é proporcionar a “[...] percepção de que o corpo humano é um todo dinâmico e articulado, [...] abrindo espaço para discutir o que é preciso para promover a saúde individual e coletiva, inclusive no âmbito das políticas públicas” (BRASIL, 2017, p. 323). Além disso, a unidade temática Vida e Evolução ainda prevê que sejam

[...] abordados também temas relacionados à reprodução e à sexualidade humana, assuntos de grande interesse e relevância social nessa faixa etária, assim como são relevantes, também, o conhecimento das condições de saúde, do saneamento básico, da qualidade do ar e das condições nutricionais da população brasileira (BRASIL, 2017, p. 323).

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular, espera-se que os estudantes, ao terminarem o Ensino Fundamental, estejam aptos a compreender

[...] a organização e o funcionamento de seu corpo, assim como a interpretar as modificações físicas e emocionais que acompanham a adolescência e a reconhecer o impacto que elas podem ter na autoestima e na segurança de seu próprio corpo. É também fundamental que tenham condições de assumir o protagonismo na escolha de posicionamentos que representem autocuidado com seu corpo e respeito com o corpo do outro, na perspectiva do cuidado integral à saúde física, mental, sexual e reprodutiva. Além disso, os estudantes devem ser capazes de compreender o papel do Estado e das políticas públicas (campanhas de vacinação, programas de atendimento à saúde da família e da comunidade, investimento em pesquisa, campanhas de esclarecimento sobre doenças e vetores, entre outros) no desenvolvimento de condições propícias à saúde (BRASIL, 2017, p. 323).

Com tantas críticas a despeito do papel de pouca relevância atribuído pela Base Nacional Comum Curricular para a Educação Sexual, nos conforta dizer que, embora a BNCC seja o

documento oficial em vigor, os PCN's não perderam a sua funcionalidade, sendo um documento base para a fundamentação do trabalho docente em sexualidade em sala de aula.

Ensinar sexualidade exige uma formação adequada do educador e um planejamento prévio, permitindo que o mesmo recorra às mais variadas metodologias e estratégias de ensino, observando e avaliando a melhor forma de condução de abordagem desta temática. Para Rufino *et al.* (2013), além de atualização dos conhecimentos, os docentes precisam adotar metodologias de ensino mais participativas e dialógicas, com a utilização de recursos didáticos variados, construindo uma prática pedagógica mais segura ao trabalhar tal tema.

Portanto, as estratégias selecionadas pelos professores precisam abranger, além da biologia e fisiologia, a garantia de que os alunos utilizem tais informações para o exercício saudável da sexualidade, por isso é “[...] necessário **ensinar a pensar**. É preciso abrir espaço para os alunos pensarem e debaterem sobre temas que fazem parte da vida” (FIGUEIRÓ, 2018, p. 94, grifos da autora). E, para tanto, alguns princípios são fundamentais, como destacado por Figueiró (2018, p. 94):

[...] educar sexualmente é muito mais que ensinar os conteúdos de biologia e fisiologia da sexualidade;
educar sexualmente é criar oportunidades para o aluno expressar seus sentimentos, angústias e dúvidas, refletir sobre suas atitudes e rever preconceitos;
para educar sexualmente é preciso saber ouvir;
o aluno deve ser visto como sujeito ativo no processo ensino-aprendizagem e deve ter muito espaço para falar e ouvir seus colegas;
o professor deve ser a pessoa que cria as condições para o aluno aprender, ao invés de ser um simples transmissor de conhecimentos.

Assim sendo, a utilização de estratégias que priorizem a interação entre os alunos, estimulando a discussão e oportunizando uma abordagem problematizadora, com diferentes enfoques para as questões voltadas à sexualidade, possibilitará que os alunos participem de maneira ativa, servindo como base para a formação da sua identidade sexual. Logo, o ensino da sexualidade não se limita apenas à aula expositiva, embora seja muito comum no trabalho docente, mas é imprescindível combinar a explicação teórica de conceitos básicos com outras estratégias, ou promover uma aula expositivo-dialogada, a fim de alcançar os objetivos da aprendizagem. Nesse sentido, Figueiró (2018, p. 92) enfatiza que “[...] uma pergunta feita por uma criança pode ser uma ‘porta’ para um bom e proveitoso bate-papo sobre sexualidade.”

No intuito de propor novas abordagens didáticas, Figueiró (2018) elenca diversas estratégias que podem ser usadas ao se ensinar Educação Sexual, como, por exemplo: dramatização, debate aberto, dinâmicas em grupo, desenho, modelagem, recorte e colagem, filmes, músicas, cenas de novelas, livros de literatura, pesquisas, manchetes de revistas, jornais, entrevistas e questionários. Sem dúvidas, as estratégias são importantes recursos, e sua

utilização auxilia na garantia de uma formação integral, mas é indispensável que o professor estabeleça um propósito. Conforme afirmam Nogueira *et al.* (2016, p. 321), o material didático precisa atender à aprendizagem na qual o aluno possa “[...] questionar/refletir, debater/dialogar, levantar hipóteses, experimentar, investigar, buscar respostas e não apenas absorver informações prontas e acabadas.”

O exemplo da dramatização como uma estratégia bastante inovadora, estratégia pouco utilizada pelos professores, é também citado por Anastasiou e Alves (2003). No contexto da sala de aula, uma fração da realidade social, de forma viva e espontânea, pode ser observada e analisada pelos estudantes, desenvolvendo a criatividade, a desinibição, a inventividade e a liberdade de expressão, e possibilitando, ainda, o cultivo da “empatia”, isto é, a capacidade de os estudantes se colocarem imaginariamente em um papel que não é o próprio. Desse modo, a dramatização pode ser compreendida como

[...] representação teatral, a partir de um foco problema, tema etc. pode conter explicações de ideias, conceitos, argumentos, e ser também um jeito particular de estudo de casos, já que a teatralização de um problema ou situação frente aos estudantes equivale apresentar-lhes um caso de relações humanas (ANASTASIOU; ALVES, 2003, p. 84).

Eis algumas possibilidades para o trabalho docente por meio da dramatização:

Pode-se pedir aos alunos para dramatizarem uma conversa entre duas amigas, no qual uma delas está em dúvida se concorda em transar, ou não, com o namorado; a situação de uma garota tendo que contar para o namorado e, depois para a mãe, que está grávida; a situação de alguém que transou sem camisinha e está apavorada, ou apavorado, diante da possibilidade de estar com AIDS, ou diante da possibilidade de estar grávida, ou ter engravidado a namorada e assim por diante (FIGUEIRÓ, 2018, p. 97).

Além de conhecer as estratégias de ensino, o professor precisa sentir confiança e reconhecer o seu papel de professor, ou seja, precisa aceitar que é tarefa sua, também, educar sobre sexualidade, já que esse aspecto faz parte de cada um de nós, estando presente a todo momento. Segundo Figueiró (2018, p. 108), se

[...] o professor não sentir a tarefa como sendo sua, de nada adianta conhecer estratégias de ensino, ou mesmo tentar colocá-las em prática. O resultado, qualitativamente positivo, só será obtido se o trabalho for feito com alegria, satisfação e espontaneidade e, para isto, há que se começar por sentir que o trabalho é seu.

Em suma, independentemente das estratégias e recursos utilizados para o ensino da sexualidade, é importante estar atento ao planejamento, visto que tais estratégias e recursos são apenas sugestões. Ademais, precisamos pensar e adequar esses recursos e estratégias, tomando como base a realidade de cada escola e as orientações dos PCN e da BNCC.

3 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Neste capítulo, apresentamos o percurso metodológico, detalhando os procedimentos e técnicas utilizados para a obtenção e coleta dos dados desta pesquisa. Dividimos este capítulo em quatro seções, contemplando (a) uma exposição acerca do contexto e estrutura da pesquisa, (b) a caracterização dos participantes deste estudo, (c) o detalhamento do instrumento de coleta de dados, a fim de evidenciar o procedimento ético e a garantia do anonimato da identidade dos sujeitos e (d) os procedimentos utilizados para a análise dos dados.

3.1 CONTEXTO E ESTRUTURA DA PESQUISA

Para este estudo, adotamos uma abordagem metodológica, de cunho qualitativo. Essa escolha permitiu-nos compreender o problema em destaque, a partir da visão, vivências, aflições, desejos, anseios e sentimentos dos sujeitos da pesquisa (ALVÂNTARA; VESCE, 2008). De modo geral, uma pesquisa com foco na abordagem qualitativa

[...] pode ser entendida, em linhas gerais, como uma pesquisa em que se procura compreender um determinado fenômeno em profundidade. Não trabalha com estatísticas e regras rígidas, mas realiza descrições, análises e interpretações de caráter subjetivo. Dessa forma, a Pesquisa Qualitativa caracteriza-se por ser mais participativa e menos controlável, já que os elementos participantes podem orientar os caminhos da pesquisa mediante suas interações com o pesquisador (ALVÂNTARA; VESCE, 2008, p. 2209).

Além disso, na pesquisa qualitativa, o tamanho da amostra não precisa necessariamente ser elevado (ALVÂNTARA; VESCE, 2008), haja vista que esse tipo de pesquisa não se preocupa com a representatividade numérica, de modo que seus resultados não podem se resumir ou se apresentar por meio de recursos estatísticos. De forma complementar, Rodrigues *et al.* (2021, p. 157) afirmam que “[...] as pesquisas qualitativas aspiram a captação do fenômeno a partir do entorno social, perante as perspectivas e envolvimento das pessoas nesse meio”, uma vez que “[...] a construção da pesquisa é produzida por meio das percepções dos sujeitos que dela participam.”

Os métodos qualitativos são mais indicados para as investigações de perspectiva interpretativa ou crítica. A pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes. E mais,

[...] o que validará cientificamente a pesquisa qualitativa é a credibilidade da investigação baseada em coerência, percepção e na descrição dos fenômenos de

maneira impessoal. Tais quesitos trarão como resultado não um produto final, mas o arcabouço que fundamenta todo o processo de pesquisa por meio da interpretação da realidade e dos sujeitos sem generalizações. Todavia, apenas o pesquisador por meio da sua interação com os pesquisados dará sentido a esse trabalho intelectual (RODRIGUES *et al.*, 2021, p. 162).

Ancorada na abordagem qualitativa, a pesquisa também assume os vieses descritivo. Segundo Gil (2008, p. 28), a pesquisa descritiva tem como “[...] objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis.” O estudo descritivo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade (TRIVIÑOS, 2012), fornecendo ao pesquisador subsídios e descrições importantes que, somente quantitativamente possa não ser alcançada, auxiliando o pesquisador na interpretação dos dados coletados.

3.2 INSTRUMENTO UTILIZADO PARA A COLETA DE DADOS

Para contemplar os objetivos desta pesquisa, dentre as mais variadas técnicas investigativas, escolhemos o questionário. De acordo com Gil (2008, p. 121), o questionário pode ser definido

[...] como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc.

Um questionário semiaberto é uma ferramenta de coleta de dados que permite ao informante expor suas próprias opiniões e ideias de maneira mais natural, mas também inclui perguntas com respostas pré-definidas para facilitar o raciocínio das possíveis respostas. Ele é útil para explorar temas em profundidade, mas pode ser menos preciso do que um questionário aberto, devido à variedade nas respostas. Entretanto, também é possível incluir algumas questões abertas por meio das quais o pesquisador pode obter respostas de natureza subjetiva e explorar a análise de outra perspectiva.

Conforme enfatizado por Gil (2008, p. 122), esse instrumento apresenta uma série de vantagens, quais sejam:

- a) possibilita atingir grande número de pessoas, mesmo que estejam dispersas numa área geográfica muito extensa, já que o questionário pode ser enviado pelo correio;
- b) implica menores gastos com pessoal, posto que o questionário não exige o treinamento dos pesquisadores;
- c) garante o anonimato das respostas;
- d) permite que as pessoas o respondam no momento em que julgarem mais conveniente;

e) não expõe os pesquisados à influência das opiniões e do aspecto pessoal do entrevistado [sic].

Considerando tais opções metodológicas, para esta pesquisa, realizamos a coleta de dados em fevereiro de 2023, por meio de um questionário semiaberto (Apêndice B), que contribuiu de maneira positiva para a obtenção dos dados apresentados no próximo capítulo. Após informar aos participantes os objetivos desta pesquisa, solicitamos que eles assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A), efetivando e formalizando sua participação, momento em que também fornecemos todos os esclarecimentos sobre a confidencialidade do trabalho e as possíveis publicações que dele derivariam. Seguimos estas orientações de Marconi e Lakatos (2003, p. 201):

Junto com o questionário deve-se enviar uma nota ou carta explicando a natureza da pesquisa, sua importância e a necessidade de obter respostas, tentando despertar o interesse do recebedor para que ele preencha e devolva o questionário dentro de um prazo razoável.

Após o consentimento dos envolvidos, iniciamos a pesquisa com os professores de Ciências dos anos finais do Ensino Fundamental, de forma impressa, contemplando questões abertas e fechadas, do tipo escala likert. As perguntas abertas possibilitam ao informante a liberdade de resposta, já as em escala likert reduzem essa liberdade mas possuem uma grande relevância ao facilitar a compreensão e a tabulação dos dados.

Como forma de organização, e a fim de garantir sua eficácia, as perguntas do questionário aplicado foram divididas em cinco seções (Apêndice B): (1) informações gerais sobre os participantes da pesquisa; (2) dados sobre a formação e situação profissional, com o intuito de traçar o perfil dos participantes; (3) objetivos específicos da pesquisa, abrangendo as percepções dos professores sobre a Educação Sexual e a sexualidade; (4) estratégias didáticas utilizadas para o ensino da temática sobre sexualidade; e (5) dados sobre as expectativas e dificuldades enfrentadas pelos professores de Ciências para ministrar aulas sobre sexualidade.

3.3 LOCAL E CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Para a realização desta pesquisa, escolhemos o município de Conceição da Feira - Bahia, situado nas proximidades de Feira de Santana, Bahia. A população desse município é de, aproximadamente, 22.933 habitantes (IBGE, 2021), sendo conhecido como capital do frango, pois a base da economia é a avicultura. Além disso, a feira livre é realizada aos sábados, representando uma importante fonte de emprego e renda para os pequenos produtores e feirantes. No campo da Educação Básica, possui 19 escolas de Ensino Fundamental, cinco delas

ofertam turmas dos anos finais, quatro estão localizadas no centro da cidade, sendo duas privadas, e uma delas está localizada na zona rural do município. Quanto à oferta de turmas do Ensino Médio, a cidade possui apenas uma escola, localizada no centro da cidade.

Dentre essas unidades de ensino, selecionamos para fazer parte da pesquisa as escolas da rede municipal que ofertam turmas dos anos finais do Ensino Fundamental, em um total de três unidades escolares. Quanto aos colaboradores, participaram desta pesquisa cinco professores de Ciências dos anos finais do Ensino Fundamental, cuja identificação, a fim de preservar o anonimato dos envolvidos, foi substituída por cinco codinomes referentes a pedras preciosas. No quadro a seguir apresentamos o codinome e idade dos participantes desta pesquisa:

Quadro 1 – Participantes da pesquisa

Identificação	Idade
Pérola	26
Cristal	25
Esmeralda	52
Diamante	25
Quartzo	40

Fonte: Dados coletados durante pesquisa de campo, 2023

Com relação ao gênero dos respondentes, dois são do gênero feminino e os demais (três), do gênero masculino. Sobre o perfil de formação dos participantes, buscamos investigar o(s) curso(s) de formação, a situação profissional e a carga horária de trabalho, bem como, a experiência docente em anos na Educação Básica, conforme indicado a seguir:

Quadro 2 – Perfil de formação dos participantes da pesquisa

Professor participante	Formação em nível ensino superior	Situação profissional	Carga horária de trabalho	Experiência docente	
				Rede pública	Rede particular
Pérola	Licenciatura em Biologia	Não concursado	20h	Não informou	Não informou
Cristal	Licenciatura em Biologia	Não concursado	20h	2 anos	Não possui
Esmeralda	Bacharelado em Pedagogia	Concursado	40h	30 anos	2 anos
Diamante	Licenciatura em Química	Não concursado	20h	4 anos	1 ano
Quartzo	Licenciatura em Física	Não concursado	20h	12 anos	2 anos

Fonte: Dados coletados durante pesquisa de campo, 2023

Vale destacar que apenas um participante da pesquisa é concursado do município de Conceição da Feira, os demais professores fazem parte do quadro de professores prestadores de serviço da Prefeitura Municipal, por isso sua carga horária de trabalho é menor. Outra informação relevante é que os participantes possuem experiências variadas, entre 30 e 2 anos de atuação na Educação Básica, e 60% dos participantes apresentam formação inicial ainda em andamento, contudo os professores Esmeralda e Quartzó concluíram a graduação há, respectivamente, 21 e 9 anos.

Quanto ao número de escolas onde esses professores atuam, três dos cinco professores trabalham em apenas uma escola e atuam na mesma instituição há cerca de dois anos, já os professores Esmeralda e Quartzó atuam como educadores em duas escolas. Quando questionados sobre o seu processo de formação continuada para o ensino da temática sexualidade, a maioria dos professores participantes informou não ter participado de nenhuma formação, com exceção de Esmeralda, que informou possuir uma atualização intitulada Sexualidade na Adolescência.

3.4 ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS

Após a coleta de dados, iniciamos a análise de dados. Nesta etapa, os dados da pesquisa foram organizados de acordo com os objetivos propostos, no intuito de tornar as informações mais acessíveis para a interpretação dos dados. Cabe mencionar que, para a análise, consideramos o questionário respondido pelos professores de Ciências dos anos finais do Ensino Fundamental, buscando evidenciar as percepções dos participantes da pesquisa e objetivando responder à questão problema desta investigação, qual seja: Como a sexualidade está sendo trabalhada pelos professores de Ciências dos anos finais do Ensino Fundamental?

Para melhor compreensão e precisão dos dados coletados nesse estudo, *a priori*, fizemos a leitura das respostas de cada participante da pesquisa. Com essa leitura buscamos compreender e verificar se todos os questionamentos foram respondidos corretamente. Logo após essa análise, procedemos à interpretação das respostas e, posteriormente, à categorização segundo os objetivos específicos propostos neste trabalho.

As respostas foram agrupadas em familiaridade com os objetivos específicos, uma vez que, metodologicamente, proporcionariam uma análise mais coesa e objetiva, a fim de realizarmos discussões pertinentes e conexas com o tema do trabalho. Os dados foram analisados e separados em três categorias: (a) percepções dos professores sobre Educação Sexual e sexualidade; (b) estratégias didáticas utilizadas pelos professores para o ensino dos

objetos de conhecimento que discorrem sobre sexualidade; e (c) expectativas e dificuldades enfrentadas pelos professores de Ciências para ministrar aulas sobre sexualidade. Essa categorização possibilitou a organização da ideia central, direcionando para um conjunto de inferências mais detalhadas.

Além disso, recorreremos aos referenciais teóricos, já discutidos no segundo capítulo, para fundamentar nossas inferências. Após a realização do conjunto das informações oportunas, com base nos critérios preestabelecidos, elaboramos gráficos, quadros e tabelas comparativas, de acordo com a frequência de aparecimento das informações, o que possibilitou uma compreensão mais ampla das respostas dadas pelos professores participantes desta pesquisa, conforme descrição e análise apresentadas no capítulo que segue.

4 PERCEPÇÕES, EXPECTATIVAS E DIFICULDADES DOS PROFESSORES DE CIÊNCIAS ACERCA DA TEMÁTICA SEXUALIDADE

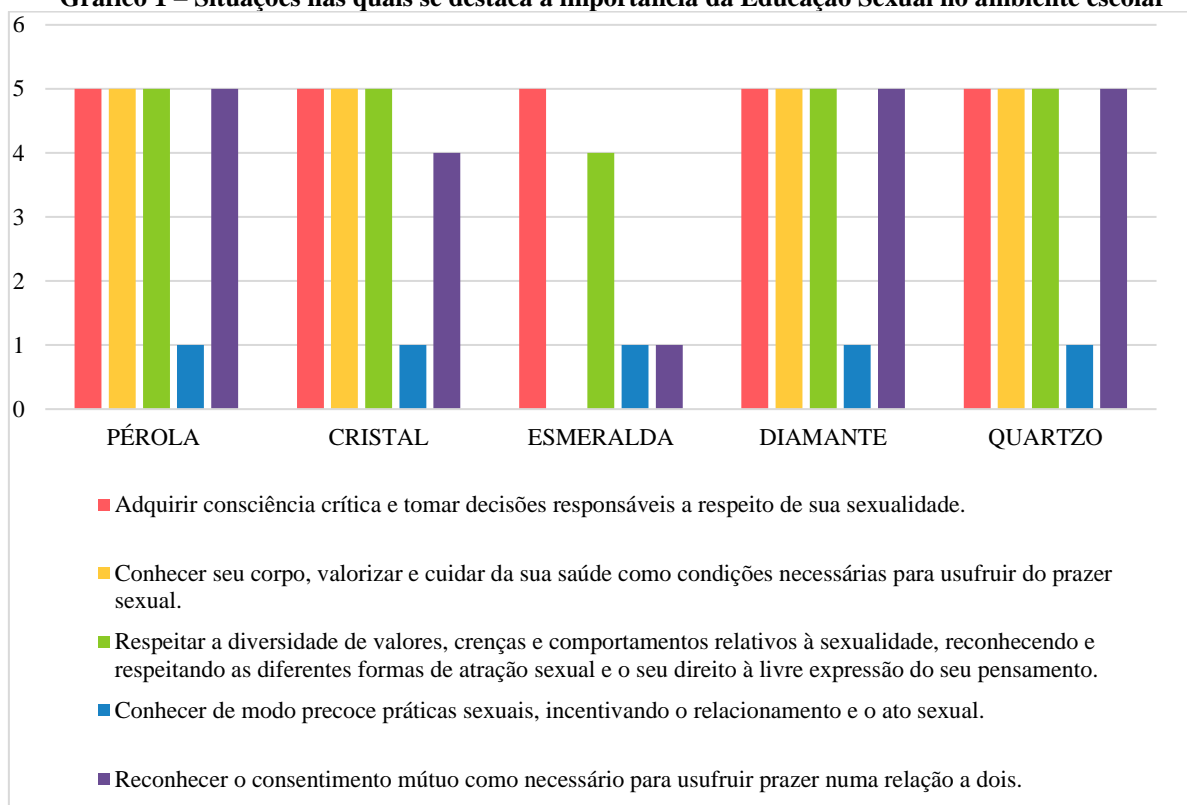
Neste capítulo apresentamos os dados coletados através do questionário, onde foram realizadas inferências e propostas de reflexões com base nos resultados obtidos. Para tanto, dividimos este capítulo em três seções, contemplando, na primeira delas, uma análise acerca da importância de uma adequada abordagem sobre Educação Sexual no ambiente escolar, na segunda, uma análise das estratégias didáticas utilizadas pelos professores para o ensino dos objetos de conhecimento que discorrem sobre sexualidade e, por fim, na terceira seção, uma reflexão sobre as expectativas e dificuldades enfrentadas pelos professores de Ciências na ministração de aulas sobre sexualidade. Seguem, então, a descrição e análise dados coletados durante a pesquisa, tendo como ponto de partida os objetivos propostos neste estudo e a discussão teórica anteriormente construída.

4.1 IMPORTÂNCIA E ABORDAGEM DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO AMBIENTE ESCOLAR

Durante muito tempo, discutir questões relacionadas à sexualidade no ambiente escolar foi considerada uma ação desnecessária, muitos preferiam censurar, julgar, desmoralizar e crucificar, mas não refletir sobre o assunto. Com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), a Educação Sexual passou a ser embasada em um documento norteador, cujas propostas educativas visam trabalhar a sexualidade como tema transversal nas escolas. Segundo esse documento, a Educação Sexual nas escolas

[...] deve fundamentar-se em uma concepção pluralista da sexualidade, ou seja, no reconhecimento da multiplicidade de comportamentos sexuais e de valores a eles associados. É preciso considerar cada indivíduo em sua singularidade e inserção cultural, e partir da ideia que não há uma verdade absoluta sobre as concepções, atitudes e práticas de como viver a sexualidade (MAIA; RIBEIRO, 2011, p. 78-79).

Para este estudo, elaboramos um questionário sobre diversos aspectos da Educação Sexual no ambiente escolar, apresentando algumas situações nas quais se destaca a importância desse conhecimento para os alunos. Algumas respostas foram obtidas por meio de uma escala likert, que variou de discordo totalmente a concordo totalmente. Os professores participantes da pesquisa assinalaram aquelas abordagens que mais se aproximam de suas práticas de ensino. Na ilustração a seguir exibimos a primeira parte desses resultados:

Gráfico 1 – Situações nas quais se destaca a importância da Educação Sexual no ambiente escolar**Legenda:**

- 1 – Discordo totalmente
- 2 – Discordo parcialmente
- 3 – Não concordo nem discordo
- 4 – Concordo parcialmente
- 5 – Concordo totalmente

Fonte: Dados coletados durante pesquisa de campo, 2023

Com base na análise do Gráfico 1, percebemos que a maioria dos participantes da pesquisa concordou com o fato de que a Educação Sexual é importante para diversos âmbitos na vida dos alunos, principalmente em “adquirir consciência crítica e tomar decisões responsáveis a respeito de sua sexualidade”. Como já destacamos, a Educação Sexual está relacionada ao direito de toda pessoa receber informações sobre o corpo, a sexualidade e o relacionamento sexual, e também ao direito de expressar seus sentimentos e rever tabus, refletir e debater para formar sua própria opinião (FIGUEIRÓ, 2018), como expressam Maia e Ribeiro (2011, p. 79):

Uma Educação Sexual adequada deveria fornecer informações e organizar um espaço onde se realizariam reflexões e questionamentos sobre a sexualidade. Deveria esclarecer sobre os mecanismos sutis de repressão sexual a que estamos submetidos e sobre a condição histórico-social em que a sexualidade se desenvolve. Deveria também ajudar as pessoas a ter uma visão positiva da sexualidade, a desenvolver uma comunicação mais clara nas relações interpessoais, a elaborar seus próprios valores a partir de um pensamento crítico, a compreender melhor seus comportamentos e o dos outros e a tomar decisões responsáveis a respeito de sua vida sexual. Acreditamos que essa postura crítica é fundamental para a formação de atitudes preventivas e saudáveis sobre a sexualidade.

Entretanto, os professores discordaram totalmente com a quarta afirmação – “Conhecer de modo precoce práticas sexuais, incentivando o relacionamento e o ato sexual”. Essa escolha foi extremamente assertiva em virtude do que muitas pessoas ainda pensam, principalmente as famílias que não confiam nas escolas como sendo o ambiente adequado para abordar tal temática, ressaltamos que esse não é um dos objetivos dos documentos que norteiam a Educação Sexual. Precisamos compreender que sexualidade é diferente de sexo, como já discutido anteriormente.

A família é o primeiro grupo de socialização das crianças, assumindo um papel fundamental em sua formação. Por isso, a família exerce a função de espelho. No entanto, quando as crianças e os adolescentes chegam às escolas, já possuem uma robusta bagagem social, razão pela qual o ambiente familiar precisa ser propício ao diálogo. Portanto, família e escola, ambos espaços de socialização, precisam “[...] aprender a respeitar as subjetividades e diversidades, objetivando disseminar e construir uma vivência da sexualidade mais libertária, responsável e distante dos tabus” (SANTOS, 2021, p. 81).

De acordo com Santos (2021), antes de iniciarmos qualquer discussão sobre assuntos relacionados à sexualidade, necessitamos, de imediato, entender o básico. Considerando essa recomendação, a seguir, apresentamos as concepções dos professores sobre Educação Sexual, sexualidade, sexo, gênero, identidade de gênero e orientação sexual, através das respostas abertas do questionário.

Para os professores, a Educação Sexual volta-se ao cuidado com o corpo e às questões de gênero. Em todas as respostas, percebemos uma abordagem voltada ao autoconhecimento, à prevenção de doenças e da violência sexual, ao cuidado com o corpo e às questões de gênero. Por exemplo: Pérola, em seus comentários, destacou o conhecimento voltado à saúde e às questões de gênero e orientação sexual: “*Processo de ensino em relação à sexualidade e tudo o que a permeia, seja para falar de saúde, discutir gênero, orientação sexual, entre outros*” (Pérola, Pesquisa de Campo, 2023).

Já Esmeralda evidencia o conhecimento do corpo e a questão de gênero. Notamos sua preocupação em lecionar sobre anatomia e fisiologia do sistema genital, referente ao aspecto biológico: “*Mediar o aluno ao conhecimento de seu corpo, seu sistema genital, a função de cada um dos seus órgãos. O ensino básico das diferenças entre os gêneros*” (Esmeralda, Pesquisa de Campo, 2023).

Segundo os PCN (1998, p. 317), a abordagem do trabalho sobre Educação Sexual

[...] deve ir além das informações sobre anatomia e funcionamento, pois os órgãos não existiriam fora de um corpo que pulsa e sente. O corpo é concebido como um todo

integrado de sistemas interligados e que inclui emoções, sentimentos, sensações de prazer e desprazer, assim como as transformações nele ocorridas ao longo do tempo. Há que considerar, portanto, os fatores culturais que intervêm na construção da percepção do corpo, esse todo que inclui as dimensões biológica, psicológica e social.

Praticamente todas as escolas trabalham os sistemas genitais em Ciências da Natureza, geralmente através de discussões sobre a reprodução humana e as transformações que ocorrem na puberdade, englobando informações ou noções sobre anatomia e fisiologia do corpo humano. No entanto, essa abordagem “[...] não abarca as ansiedades e curiosidades das crianças, nem o interesse dos adolescentes, pois enfoca apenas o corpo biológico e não inclui a dimensão da sexualidade” (BRASIL, 1998, p. 292). Nesse sentido, quando questionados sobre sexualidade, os professores a relacionaram ao sexo, à relação sexual e ao conhecimento do corpo biológico, como podemos verificar nos comentários em destaque:

Sexualidade, na minha concepção, será o entendimento das práticas com fins de prazer e perpetuação da espécie (Esmeralda, Pesquisa de Campo, 2023).

Sexualidade é a forma como nos sentimos referente à atração e desejos (Pérola, Pesquisa de Campo, 2023).

Sexualidade: a maneira que conhecemos o nosso corpo (Cristal, Pesquisa de Campo, 2023).

Santos (2021) ressalta que sexualidade é uma definição ampla, pois mostra a maneira de o indivíduo ser e estar no mundo, representando a forma peculiar de ser homem ou mulher nesse universo imenso que é a vida.

Sexualidade também diz respeito à subjetividade do indivíduo, ou seja, o jeito como cada sujeito se conecta e lida consigo, com seu corpo e suas questões internas. Isso engloba suas emoções, seus valores, sentimentos, crenças, seu histórico de vida e diversas outras questões que perpassam os seus pensamentos e as suas sensações (SANTOS, 2021, p.17).

Portanto, trabalhar com sexualidade não significa, necessariamente, discutir sobre sexo e relação sexual; o cuidado com o corpo, as relações de gênero e o respeito às diversidades sexuais, dentre outros aspectos, são os assuntos que movem o debate. Para Maia e Ribeiro (2011), a sexualidade humana possui componentes biológicos, psicológicos e sociais, e ela se expressa em cada ser humano de modo particular, em sua subjetividade, e, de modo coletivo, em padrões sociais, que são aprendidos durante a socialização.

Nessa perspectiva, buscamos conhecer a opinião dos participantes acerca dos termos sexo e gênero:

Sexo como ato sexual e gênero como expressão biológica do sistema reprodutor, sendo masculino ou feminino (Diamante, Pesquisa de Campo, 2023).

Sexo – os órgãos do sistema genital e gênero já se trata da diferença das espécies, exemplo: macho e fêmea, ou seja, masculino e feminino (Esmeralda, Pesquisa de Capo, 2023).

Sexo está relacionado à genitália do indivíduo, sem qualquer relação com o gênero, já o gênero refere-se à orientação sexual que o indivíduo nasce ou se identifica (Quartzo, Pesquisa de Campo, 2023).

Analisando as respostas dos professores, constatamos que o termo sexo foi relacionado à prática sexual, à relação sexual, e aos órgãos sexuais, genitálias. Percebemos que a expressão foi associada à distinção entre masculino e feminino. Já o termo gênero, como podemos verificar, foi definido pelos professores como distinção entre masculino e feminino, fêmea e macho. De acordo com Santos (2021, p. 20), ao considerar sexo enquanto estrutura corporal se está diferindo

[...] o macho e fêmea, as estruturas orgânicas funcionais que oferecem as possibilidades e limitações do que podemos ser, como no caso das mulheres, que possuem a possibilidade de gestação, se tudo estiver dentro da normalidade, e, no caso dos homens, a produção dos espermatozoides a partir da puberdade.

Como o termo sexo pode ser definido de diversas maneiras, a expressão também pode ser utilizada quando relacionada à “[...] relação corporal ou virtual, com práticas que despertam desejos a partir da estimulação erótica” (SANTOS, 2021, p. 18). Diferentemente do sexo, gênero é a identidade atribuída, que indicará se masculino ou feminino, mas, em vez de se referir à genitália, refere-se à maneira como se espera que devamos agir, de acordo com o sexo.

No questionário, buscamos entender como os professores apreendem os conceitos de identidade de gênero e orientação sexual. Obtivemos as seguintes respostas:

Identidade de gênero é a forma como a pessoa se percebe quanto ao seu gênero. Orientação sexual está relacionada ao gênero que se sente atraído (Pérola, Pesquisa de Campo, 2023)

Identidade de gênero seria como a pessoa se identifica de acordo com o gênero. Orientação sexual seria relacionada à atração que a pessoa tem por indivíduo do mesmo sexo, do sexo oposto, por ambos, ou mesmo pela não atração (Cristal, Pesquisa de Campo, 2023).

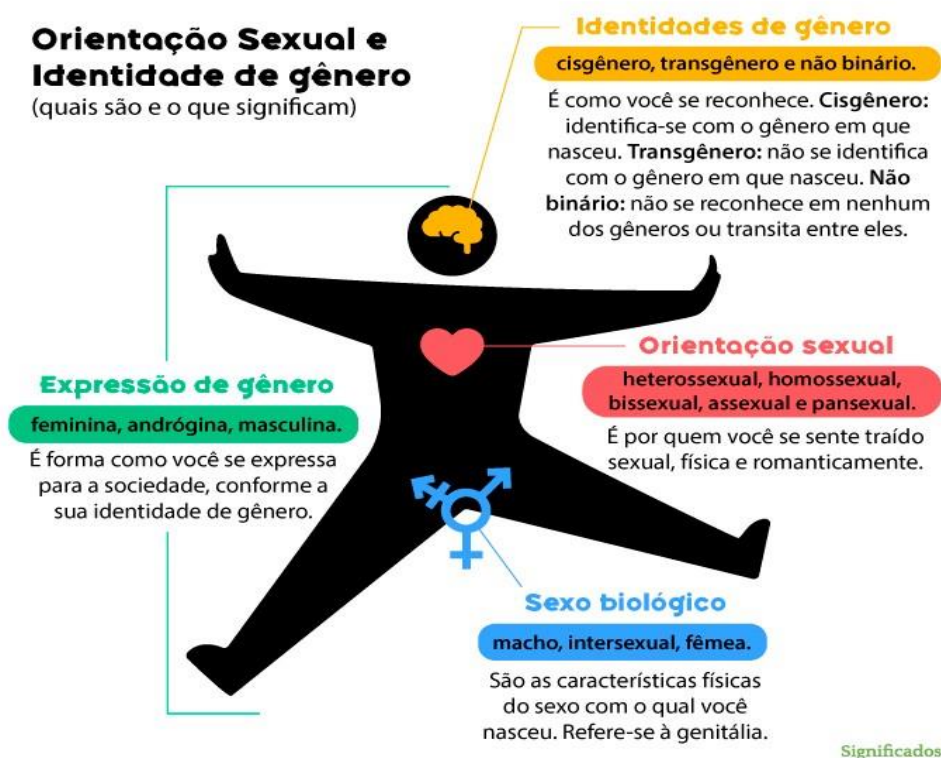
Identidade: como a pessoa se identifica. Orientação: como o indivíduo manifesta a partir do seu nascimento (Diamante, Pesquisa de Campo, 2023).

A identidade de gênero está ligada à maneira com a qual uma pessoa se identifica; como, a partir de suas vivências, ela vai criando maneiras de ser e de se colocar no mundo. O ser humano pode se identificar com seu sexo de nascimento (biológico: masculino ou feminino), com o gênero oposto ao seu biológico ou apresentar aspectos de ambos (SANTOS, 2021). Quando uma pessoa corresponde ao sexo biológico com o qual nasceu, dizemos que essa pessoa é cisgênero. Quando, por outro lado, a pessoa não se identifica com sexo biológico, trata-se de

pessoa transgênero; e nesse conceito de transgênero estão incluídos travestis e transexuais. Além disso, existem outros tipos identidades de gênero, como é o caso do intersexual, de pessoas que nasceram com os dois sexos biológicos, ou com sistema reprodutor misto; da identidade de gênero flutuante, pessoa que adota a aparência masculina em uma época da vida e muda para a feminina, ou vice e versa, mas não estabelece uma identidade fixa (SANTOS, 2021).

Vejam os a ilustração a seguir:

Infográfico 1 – Orientação Sexual e Identidade de Gênero (quais são e o que significam)



Fonte: (ORIENTAÇÃO..., s. d.)

Com relação ao conceito de orientação sexual, diz respeito à orientação dos nossos desejos, ou seja, como orientamos o nosso desejo, a nossa atração por outra pessoa. Nesse sentido, destacamos o comentário de Cristal, que explica que a orientação sexual está relacionada com a “[...] *atração que a pessoa tem por indivíduo do mesmo sexo, do sexo oposto, por ambos, ou mesmo pela não atração*” (Cristal, Pesquisa de Campo, 2023). Essa atração, ou desejo humano, pode ser assim conceituada: homossexualidade – indivíduos que sentem desejo por sujeitos do mesmo sexo; heterossexualidade – indivíduos que orientam seu desejo para indivíduos do sexo oposto; bissexualidade – indivíduos que possuem desejo sexual orientado para pessoas de ambos os sexos, ou seja, masculino e feminino e assexualidade – compreendida

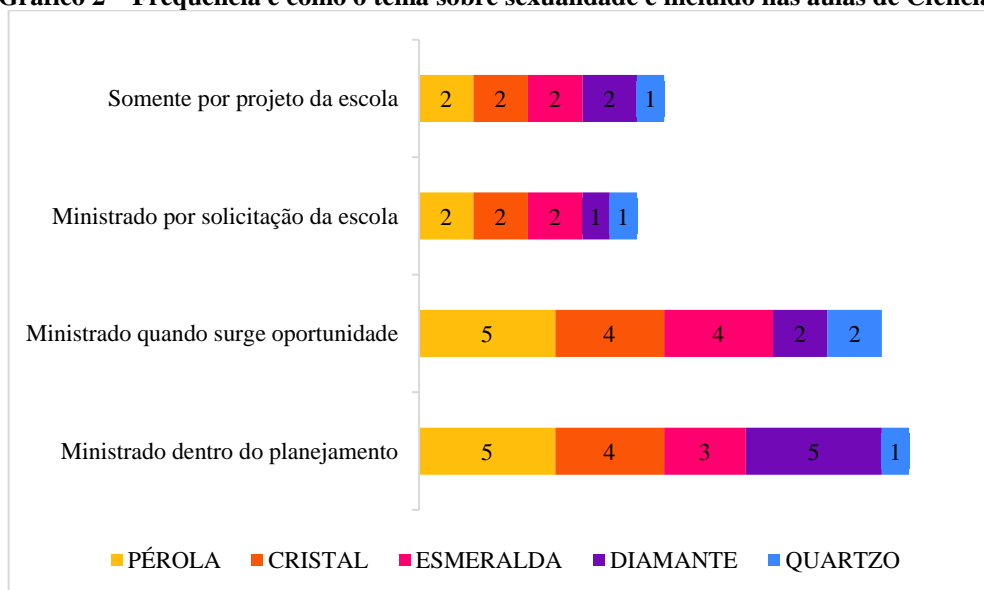
pela falta de atração sexual por alguma pessoa ou por qualquer coisa ao longo da vida (SANTOS, 2021).

Com base nos dados apresentados e na análise desenvolvida nesta seção, constatamos que a Educação Sexual não pode ser definida como sinônimo de aspectos anatômicos e fisiológicos do corpo humano, negligenciando os aspectos emocionais, psicológicos, culturais, tabus e valores, dentre outros. Como educadores, precisamos desenvolver um olhar integrativo e indistinto para essas questões da Educação Sexual, para não correremos o risco de desenvolver uma Educação Sexual sem qualidade, uma vez que a sexualidade tem a ver com o que somos.

4.2 ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PELOS PROFESSORES PARA O ENSINO DOS OBJETOS DE CONHECIMENTO QUE DISCORREM SOBRE SEXUALIDADE

Nesta seção tecemos algumas considerações sobre as estratégias utilizadas pelos professores para ensinar os objetos do conhecimento que discorrem sobre a sexualidade. Como definição de Anastasiou e Alves (2005), estratégia é a arte de aplicar ou explorar os meios de condições favoráveis e disponíveis, com vista à consecução de objetivos específicos. Para conhecer a opinião dos participantes sobre o uso de estratégias no ensino de Educação Sexual, solicitamos a eles que indicassem, numa escala de frequência que variou de nunca a sempre, como os temas voltados à sexualidade são incluídos nas aulas de Ciências. Os resultados obtidos, após tabulação e análise, estão representados no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Frequência e como o tema sobre sexualidade é incluído nas aulas de Ciências



Legenda:

- 1 – Nunca
- 2 – Raramente
- 3 – Regularmente

4 – Frequentemente

5 – Sempre

Fonte: Dados coletados durante pesquisa de campo, 2023

De acordo com os dados obtidos, boa parte dos professores afirmou ministrar os objetos de conhecimento que discorrem sobre a sexualidade dentro do planejamento ou quando surge oportunidade. Apontaram, também, que raramente ministram por solicitação da escola ou em execução de um projeto escolar. O que representa um ponto positivo, pois, como educadores, sabem a importância do planejamento para o andamento das aulas. O planejamento consiste em uma organização de propósitos em busca de um objetivo, permitindo pensar sobre o que se quer alcançar.

Para Menegolla e Sant’ Anna (2001, p. 19), planejar “[...] é pensar sobre aquilo que existe, sobre o que se quer alcançar, com que meio se pretende agir e como avaliar o que se pretende atingir.” Acreditamos que os professores precisam assumir a necessidade de discutir objetos do conhecimento voltados à sexualidade em sala de aula, porém esse trabalho deve estar pautado em um planejamento sólido, objetivo e organizado, como qualquer outro objeto do conhecimento, desassociado de valores pessoais, crenças e tabus.

Em relação à segunda alternativa (ministrado quando surge oportunidade), dois dos participantes afirmou que raramente o objeto do conhecimento é ministrado quando surge oportunidade. Como já exposto anteriormente, a Educação Sexual pode ser trabalhada de maneira formal e informal, e essa segunda alternativa equivale à maneira espontânea, aproveitando uma pergunta, uma situação. Qualquer professor, sem planejamento prévio, pode aproveitar para ensinar sobre sexualidade, pois não podemos ignorar uma pergunta do aluno e são essas ocasiões que proporcionam momentos ricos de aprendizagem, motivando a participação dos alunos a partir de uma pergunta.

Além da frequência e como o tema é inserido nas aulas de Ciências, os participantes da pesquisa também responderam acerca do tipo de aula adotada por eles para o ensino da temática. Em uma escala que variou de nunca a sempre, pudemos tabular e analisar os dados para a elaboração do Gráfico 3. Com base no mesmo, observamos que, entre as propostas apresentadas, as aulas explicativas e colaborativas, isto é, aquelas que expõem os conteúdos com a participação dos alunos, estabelecem uma frequência que varia de frequentemente a sempre. Associadas às aulas explicativas e colaborativas, três professores afirmaram utilizar frequentemente as aulas tradicionais, quando o educador expõe oralmente o conteúdo e solicita que os alunos respondam a perguntas de um questionário, com foco na aplicação direta de conceitos.

Gráfico 3 – Classificação dos pesquisados quanto à frequência e ao tipo de aula adotada para o ensino da temática sexualidade



Legenda:

- 1 – Nunca
- 2 – Raramente
- 3 – Regularmente
- 4 – Frequentemente
- 5 – Sempre

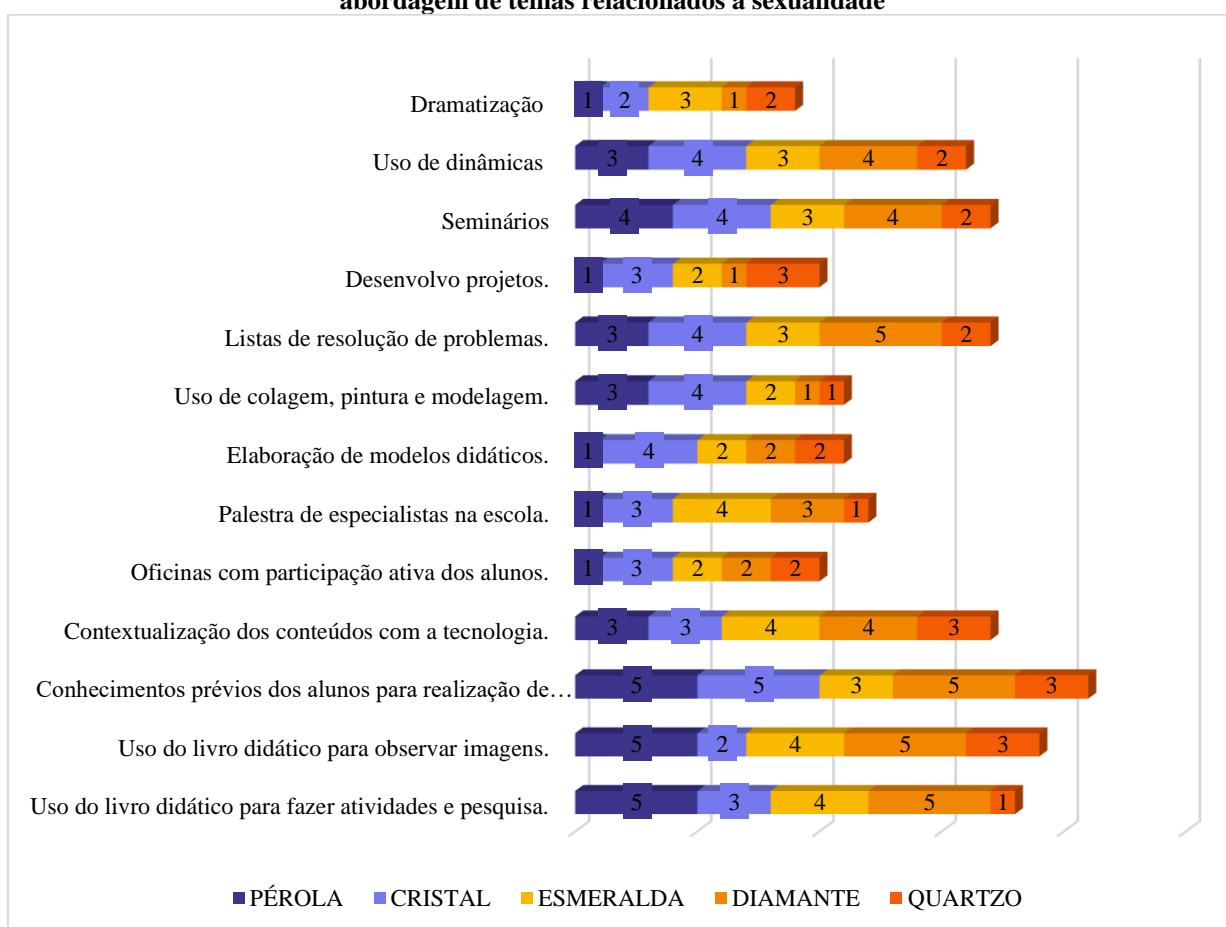
Fonte: Dados coletados durante pesquisa de campo, 2023

No que diz respeito às aulas investigativas, sempre muito discutidas, principalmente na BNCC, os professores fazem uso, em sua prática docente, desse recurso numa escala de nunca a frequentemente. Essa estratégia de ensino permite que os alunos formulem hipóteses e possam testá-las, procurando resolver o problema. Concernente às aulas lúdicas, bastante discutidas por diversos autores, e capazes de auxiliar o trabalho do professor através de jogos e brincadeiras, a fim de dinamizar a participação dos alunos nas aulas, notamos que apenas dois participantes fazem uso de forma frequente.

Em relação ao Gráfico 3, destacamos o caso de Quartzo. Em uma escala que varia de nunca a sempre, esse participante assinala nunca para todos os tipos de aula, o que nos leva a questionar se a temática é mesmo abordada, ou como é abordada por Quartzo.

Levando em consideração as estratégias e/ou recursos didáticos para a abordagem dos temas sobre sexualidade no ensino de Ciências por esses professores, solicitamos que indicassem, numa escala que variou de nunca a sempre, quais estratégias e recursos didáticos usaram/usam em suas aulas. Os resultados obtidos foram utilizados para a elaboração do Gráfico 4.

Gráfico 4 – Frequência com que os professores usam as estratégias e/ou recursos didáticos para a abordagem de temas relacionados à sexualidade



Legenda:

- 1 – Nunca
- 2 – Raramente
- 3 – Regularmente
- 4 – Frequentemente
- 5 – Sempre

Fonte: Dados coletados durante pesquisa de campo, 2023

De acordo com o Gráfico 4, o livro didático é o recurso utilizado pela maioria dos professores, tanto para a realização de atividades e pesquisas como para observar imagens. Apesar de ser disponibilizado nas escolas, esse recurso ainda carece de informações sobre a

sexualidade, aspecto que pode limitar as discussões dos professores que seguem a sequência da obra. Sobre os conhecimentos prévios, três professores afirmaram que sempre realizam atividades diagnósticas. Essa é uma importante estratégia, pois, levando em consideração que as crianças e os adolescentes já chegam às escolas com certa bagagem sobre sexualidade, iniciarmos o estudo investigando o que eles já sabem e pensam do conteúdo é muito útil. Já os seminários representam uma das estratégias mais utilizadas pela maioria dos professores. O seminário consiste “[...] num espaço onde as ideias devem geminar ou serem semeadas. Portanto, espaço onde um grupo discuta ou debata temas ou problemas que são colocados à discussão” (ANASTASIOU; ALVES, 2003, p. 85). No caso das palestras de especialistas na escola e oficinas com a participação ativa dos alunos, cuja escala variou entre nunca a regularmente, apenas Esmeralda afirmou realizar frequentemente palestras com especialistas – o que não subestima o papel do educador, torna-se um alinhado e o complementa. Outro caso é o do uso da dramatização, que também se configura como uma estratégia pouquíssimo utilizada pelos professores, ainda que possibilite que a sala de aula se converta em um fragmento da realidade social de forma viva e espontânea. Segundo Figueiró (2018, p. 98),

Referir-se à dramatização como estratégia de ensino nos possibilita reconhecer a necessidade de buscar, sempre que possível, métodos que revalorizem o diálogo, o autoconhecimento e a integração entre pensar, sentir e agir e que, também, criem um ambiente de confiança e de reflexão.

Enfatizamos que, como docentes, precisamos ensinar a pensar, e, independentemente dos recursos e estratégias selecionadas, as discussões precisam estar pautadas em todas as dimensões da sexualidade, criando espaço para o aluno expressar seus sentimentos, dúvidas e rever preconceitos e tabus. Nesse sentido, considerando os objetos do conhecimento abordados pelos professores em suas aulas, de acordo com o Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) sobre orientação sexual, o ensino da temática da sexualidade contempla temas de estudo que organizados em três blocos ou eixos norteadores, são eles: 1. Corpo: matriz da sexualidade; 2. Relação de gênero; 3. Prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis. Além disso, a temática da sexualidade está presente na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ainda que de modo muito sutil. No questionário, solicitamos que os pesquisados assinalassem os objetos de conhecimento contemplados e abordados em suas aulas de Ciências. A Tabela 1 representa a consolidação dos dados inerentes a esse questionamento:

Tabela 1 – Objetos de conhecimento sobre sexualidade contemplados nas aulas de Ciências

CONTEÚDOS/OBJETOS DE CONHECIMENTO	Nº	%
Mudanças corporais na puberdade	5	7,46
Anatomia e fisiologia dos sistemas genitais (masculino e feminino)	4	5,97
História da sexualidade	2	2,98
Métodos contraceptivos	5	7,46
Infecções sexualmente transmissíveis (IST)	5	7,46
Gravidez e parto	5	7,46
Questões de gênero e sexualidade	4	5,97
Orientação sexual	3	4,47
Diversidade sexual	2	2,98
Higiene íntima	4	5,97
Ciclo menstrual	5	7,46
Aborto	4	5,97
Abuso sexual	4	5,97
Masturbação	3	4,47
Ansiedade, medos e fantasias, relacionados à relação sexual	1	1,59
Padrão estético do corpo	5	7,46
Tabus e preconceitos vinculados à sexualidade	4	5,97
Pornografia	2	2,98
Total	67	100%

Fonte: Dados coletados durante pesquisa de campo, 2023

Discussões de grande relevância são traçadas sobre a abordagem dos conteúdos voltados à sexualidade na BNCC. Monteiro e Ribeiro (2020) buscaram no texto do atual documento normativo da educação brasileira as palavras “sexualidade” e “sexual”, e encontraram a primeira menção na área de Ciências, especificamente para o 8º ano do Ensino Fundamental, diferente dos PCN’s, cujo conteúdo sobre sexualidade está proposto como tema transversal, e para todas as séries.

Analisando essa tabela, percebemos que a maioria dos professores afirmou abordar diversos objetos do conhecimento importantes para a contextualização da sexualidade. Observamos que os objetos do conhecimento voltados aos aspectos biológicos e à prevenção, como métodos contraceptivos, infecções sexualmente transmissíveis (IST), higiene íntima, anatomia e fisiologia dos sistemas genitais, mudanças corporais na puberdade, ciclo menstrual e abuso sexual, são sempre abordados pelos professores de Ciências em suas aulas. Por outro lado, ao observarmos os dados alocados na tabela, a porcentagem de professores que trabalham os objetos do conhecimento, como história da sexualidade, orientação sexual, diversidade sexual, masturbação, ansiedade, medos e fantasias, relacionados à relação sexual e pornografia, diminui quando comparada com os objetos de conhecimento de prevenção.

Apesar de a maioria dos professores certificar que lecionam sobre as questões de gênero, o termo não é citado na BNCC, e esse “[...] fato se torna um problema, visto que o documento orientará a elaboração de matrizes curriculares da Educação Básica em todo o território nacional”, e, desse modo, a ausência dessa abordagem “[...] abrirá precedentes para a não

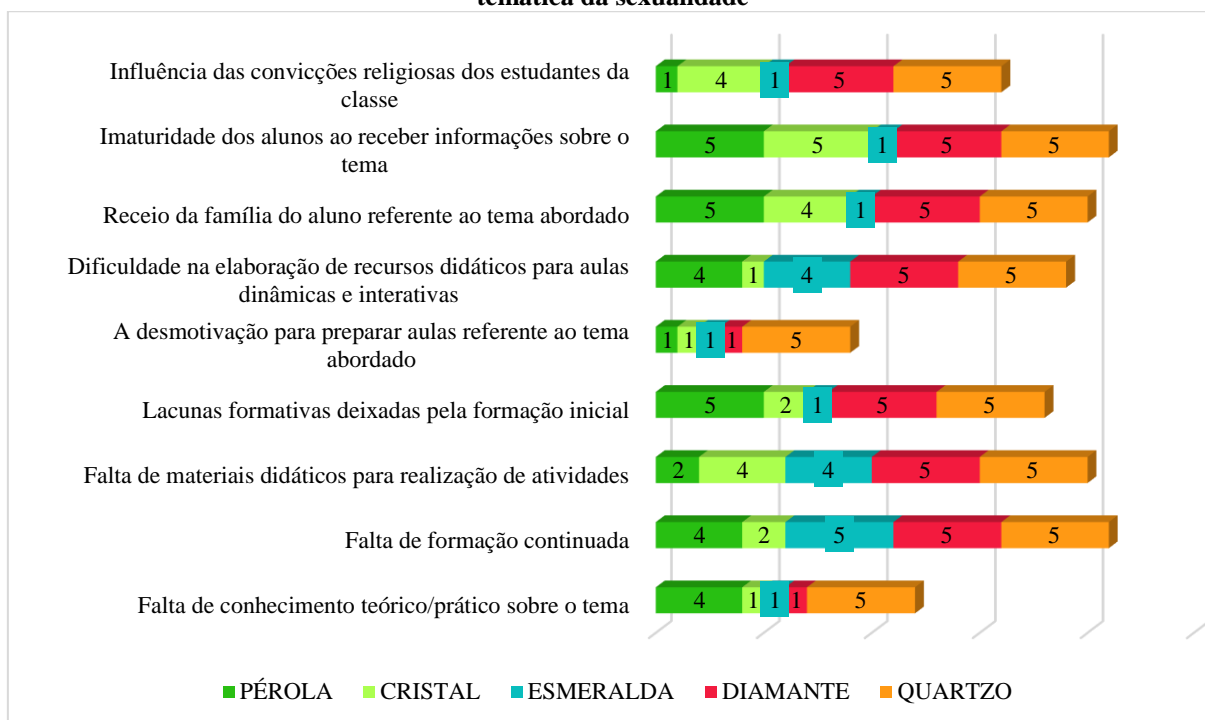
inclusão nos processos educativos” (ASSIS; SOUZA; BARBOSA, 2021, p. 13673). Constatamos, portanto, que a “[...] BNCC acaba silenciando discussões sobre Gênero que são fulcrais para o combate de práticas misóginas e ‘LGBTfóbicas’ no âmbito escolar” (MONTEIRO; RIBEIRO, 2020, p. 17).

Sobre o documento norteador da educação básica brasileira, Assis, Souza e Barbosa (2021, p. 13673) observam que “[...] a sexualidade é referida pela BNCC tão somente em seu aspecto biológico, na qual são aludidos conteúdos vinculados à anatomia e à fisiologia da reprodução humana.” Essa ocorrência pode justificar a razão pela qual as práticas dos professores são direcionadas para uma dimensão biológica, já que seus planejamentos são norteados por tal documento. Constatamos que, ainda que os professores participantes desta pesquisa discutam alguns conteúdos fora da dimensão biológica, não é suficiente. Precisamos, também, ressaltar que vários outros documentos nacionais e internacionais, como os PCN’s, o Programa de Saúde na Escola e da UNESCO, dão suporte a uma Educação Sexual que ultrapasse a mera abordagem sobre reprodução.

4.3 EXPECTATIVAS E DIFICULDADES ENFRENTADAS PELOS PROFESSORES DE CIÊNCIAS PARA MINISTRAR AULAS SOBRE SEXUALIDADE

Considerando as informações acerca das estratégias utilizadas pelos docentes que participaram desta pesquisa, podemos, então, tecer reflexões sobre as expectativas e dificuldades que eles enfrentaram ao lecionar aulas sobre sexualidade, posto que os professores vivenciam diversos obstáculos ao abordar a temática da sexualidade. Numa escala que variou de discordo totalmente a concordo totalmente, para cada dificuldade apresentada nesta questão, os professores indicaram seu grau de concordância/discordância, como exposto no Gráfico 5.

Gráfico 5 – Dificuldades encontradas para ministrar aulas em relação aos temas inerentes ao ensino da temática da sexualidade



Legenda:

- 1 – Discordo totalmente
- 2 – Discordo parcialmente
- 3 – Não concordo nem discordo
- 4 – Concordo parcialmente
- 5 – Concordo totalmente

Fonte: Dados coletados durante pesquisa de campo, 2023

Apesar de reconhecerem a importância e a necessidade da Educação Sexual, discutir questões relacionadas a ela, no contexto escolar, ainda é um desafio para os professores. Entre as dificuldades elencadas na pesquisa, notamos que diversas foram escolhidas pelos professores, como a falta de formação continuada e a falta de material didático para realização das atividades, e as dificuldades relacionadas aos pais e aos próprios alunos. A formação inicial e continuada e a falta de materiais didáticos foram eleitas pelos professores como fatores determinantes entre os desafios no processo de ensino da sexualidade.

Levando em consideração esses resultados, precisamos enfatizar que a responsabilidade na busca por minimização ou a resolução de tais dificuldades é não exclusiva do professor. Evidentemente, toda a estrutura educacional deve contribuir para que isso se efetive de fato, da formação continuada para professores à disponibilidade de espaços e materiais didáticos pedagógicos, que é de responsabilidade do poder público, juntamente com a instituição de ensino. A maioria dos professores participantes da pesquisa também salientou a dificuldade na elaboração de recursos didáticos para aulas dinâmicas e interativas sobre a temática da

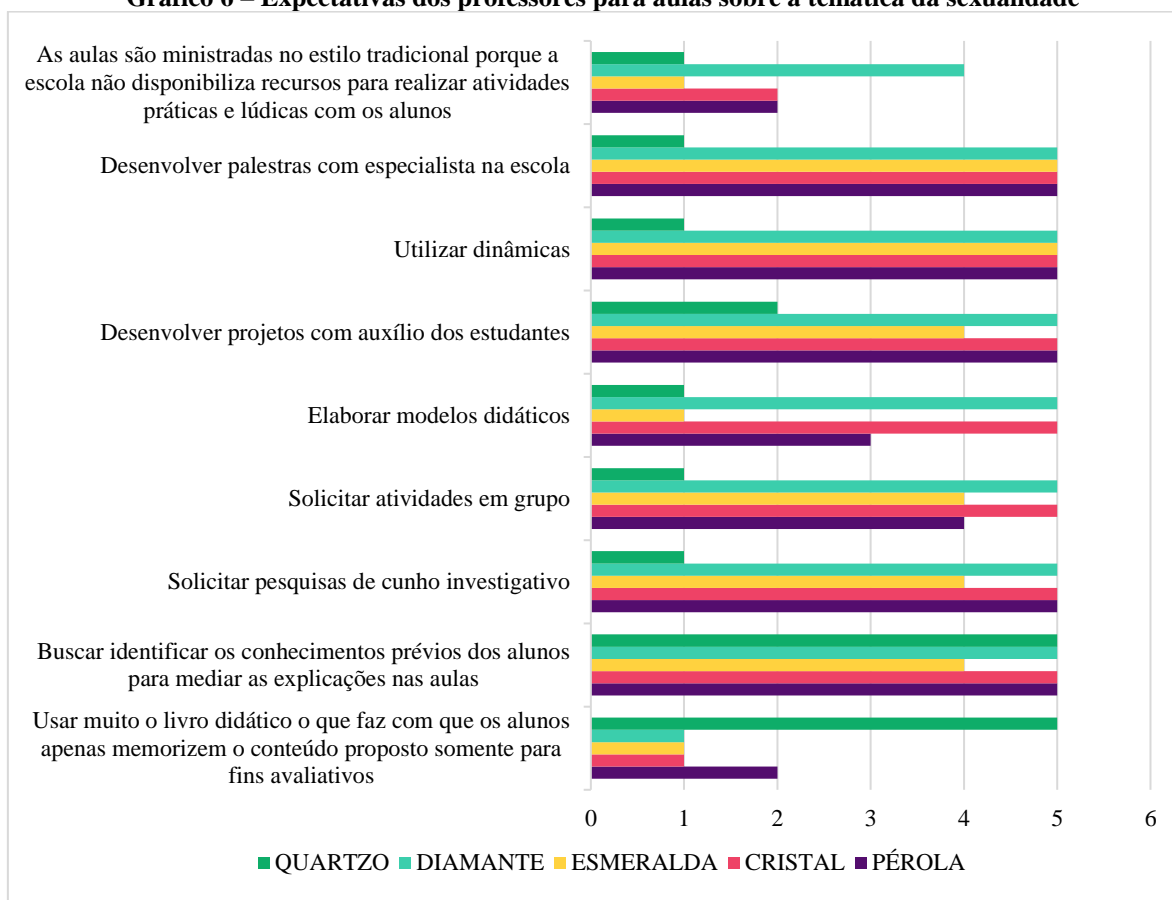
sexualidade. Portanto, é necessário que o educador entenda por que e para que se deve fazer Educação Sexual, e qual o papel do educador (FIGUEIRÓ, 2018).

Quanto ao receio da família do aluno, destacamos que cada um precisa entender seu papel na Educação Sexual, como discutimos anteriormente. A interação família-escola é importante nesse trabalho, e quando os pais possuem conhecimento do trabalho realizado pela escola, a abordagem flui com mais tranquilidade, promovendo um clima de respeito e confiança. Além disso, a formação continuada serve como uma ferramenta aliada, possibilitando que o docente desenvolva atividades com segurança.

Segundo Anami e Figueiró (2009), é importante conscientizar os pais, por meio de reuniões, conferências, grupos de estudo ou mesmo através das mídias, sobre a necessidade de o assunto ser tratado nas escolas, desmistificando o ensino da sexualidade. Ainda segundo as autoras, é necessário desmitificar, juntos aos pais, certos mitos ou orientações enviesadas: “[...] é preciso esperar a criança perguntar; se ela não pergunta é por que não quer saber ou não está preparada para saber; falar sobre sexo vai incentivar a criança a praticar; quando a criança pergunta, responda só aquilo que ela perguntou” (ANAMI; FIGUEIRÓ, 2009, p. 106-107). Isso evidencia que, apesar dos avanços tecnológicos e da massificação dos veículos de informação, a Educação Sexual continua cercada de diversos tabus e proibições, vinculados às famílias, aos professores e aos alunos.

Outra dificuldade evidenciada pelos professores diz respeito à imaturidade dos alunos ao receber informações sobre o tema. A temática da sexualidade, quando discutida, causa grande inquietação, curiosidade e estranhamento, por muitas vezes não presenciarem discussões sobre esse assunto em outros âmbitos. Isso não significa que eles não sejam capazes de dialogar com seu professor, se fosse assim não seria possível trabalhar o tema com crianças menores. Urge que a escola desenvolva ações reflexivas, críticas e educativas.

Como última pergunta do questionário, buscamos saber sobre as expectativas em ministrar aulas sobre os temas relacionados à sexualidade. Numa escala que variou de discordo totalmente a concordo totalmente, após tabulação e análise dos dados obtidos, apresentamos os resultados na ilustração a seguir:

Gráfico 6 – Expectativas dos professores para aulas sobre a temática da sexualidade**Legenda:**

- 1 – Discordo totalmente
- 2 – Discordo parcialmente
- 3 – Não concordo nem discordo
- 4 – Concordo parcialmente
- 5 – Concordo totalmente

Fonte: Dados coletados durante pesquisa de campo, 2023

Quaisquer que sejam as ações do indivíduo, elas sempre são guiadas por expectativas e intencionalidades. Nesse sentido, as expectativas do professor são fundamentais e servem como motivação no processo de ensino e aprendizagem; já a falta de motivação dos professores contribui diretamente para o desinteresse dos alunos e compromete a qualidade do processo de ensino e aprendizagem.

Ao analisar as respostas dos professores, constatamos que eles possuem altas expectativas para as aulas sobre a temática da sexualidade, e percebemos que a maioria dos professores concordaram totalmente com a crença de que se oferecer o melhor conteúdo para seus alunos é promessa de melhores resultados. Como destacamos em relação ao uso do livro didático, que faz com que os alunos apenas memorizem o conteúdo proposto e somente para fins avaliativos, a maioria dos professores discordaram, o que pode ser um fator a contribuir, de fato, para resultados insatisfatórios.

Em contrapartida, os professores depositam suas expectativas em aulas dinâmicas, na elaboração de modelos didáticos, nas pesquisas de cunho investigativo, na realização de atividades em grupo, na busca pela identificação dos conhecimentos prévios dos alunos e no desenvolvimento de palestras com especialistas e projetos com o auxílio dos estudantes; acreditando ser as melhores alternativas para desenvolver em sala de aula. Concluimos que é imprescindível que os professores reconheçam seu papel na Educação Sexual, e que suas expectativas sejam um ponto de partida e motivação para a promoção de ações efetivas diante das necessidades de seus alunos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos dados apresentados e nas reflexões desenvolvidas neste trabalho, constatamos que a Educação Sexual ainda é um tema cercado por diversos tabus, mitos, preconceitos e banalizações, mesmo estando cotidianamente presente nos diversos âmbitos da nossa vida. Não podemos prever como será nas próximas décadas, mas esperamos que, no mínimo, o debate sobre Educação Sexual chegue aos estudantes dos cursos de licenciatura, preparando-os para atuar no ambiente da Educação Básica.

Com esta pesquisa, buscamos, como um dos objetivos específicos, conhecer as percepções dos professores de Ciências no que diz respeito à Educação Sexual e à sexualidade. Por meio da análise de dados, constatamos que os professores, em sua maioria, reconhecem a importância da Educação Sexual no âmbito escolar, mas apresentam uma percepção biológica da sexualidade. Nesse contexto, suas aulas são pautadas em conteúdos voltados às questões de prevenção de problemas, como, por exemplo, as infecções sexualmente transmissíveis e a gravidez indesejada. Isso evidencia a urgência de elaborarmos uma abordagem emancipatória, contemplando as dimensões sociais, políticas e culturais da Educação Sexual, visando a liberdade e responsabilidade de escolha, a fim de formar sujeitos autônomos.

Ao identificar as estratégias utilizadas nas práticas pedagógicas no que diz respeito ao ensino dos objetos de conhecimento que discorrem sobre a sexualidade, como segundo objetivo específico deste estudo, concluímos, com base na análise dos resultados obtidos, que as estratégias metodológicas se limitam bastante ao uso do livro didático, que figura como o material didático mais utilizado pela maior parte dos participantes. Percebemos que, mesmo sendo alvo de muitos preconceitos e considerada “difícil” de ser trabalhada, podemos ensinar Educação Sexual em sala de aula com atividades capazes de favorecer a aprendizagem, como, por exemplo, através do uso de recursos didáticos diversificados como, por exemplo, dramatizações, jogos e brincadeiras, dentre outros. Em resumo, é indispensável que haja diálogo e reflexão, pois é necessário ensinar a pensar e refletir sobre a temática.

Através do último objetivo específico, buscamos caracterizar as expectativas e dificuldades enfrentadas por esses professores no que concerne às aulas ministradas sobre a temática da sexualidade. Os professores destacaram a falta de formação continuada, o receio da família e a imaturidade dos alunos, visto que falar sobre sexualidade não é fácil. Por isso, é de extrema relevância que a formação sobre Educação Sexual chegue aos professores, e que eles sejam capazes de promover uma educação libertadora, livre de tabus e mitos e pautada na verdade científica.

Buscando a formação continuada, os professores podem desempenhar seu papel com êxito. Nessa perspectiva, os cursos de licenciatura têm sido alvos de críticas quanto à formação docente, pois não têm preparado os professores para trabalharem os conceitos da Educação Sexual com seus alunos. A formação continuada e a experiência cotidiana do docente têm sido, muitas vezes, a solução encontrada por muitos professores para suprir essa deficiência.

É importante destacar que em vez de reprimir as perguntas feitas, os professores devem apresentar conhecimento científico, para que possam orientar os alunos com segurança e sem preconceitos. Para tanto, precisamos desmistificar tabus e preconceitos sobre os riscos de falar sobre sexualidade em sala de aula, como se a abordagem levasse o aluno a conhecer, incentivando-o, de modo precoce, a práticas sexuais.

Os pais também precisam participar do planejamento escolar, para que o trabalho flua com mais tranquilidade, confiança e respeito. Acreditamos que quando a temática é tratada de forma natural, tanto pelos pais como pelos professores, os adolescentes não precisam conversar em segredo ou buscar na internet informações, muitas vezes, errôneas e perigosas.

Portanto, percorrido o caminho dos objetivos específicos, e tendo, assim, alcançado o objetivo geral proposto para esta pesquisa, constatamos que ainda há muito a pesquisar sobre o assunto. Esperamos que mais pesquisas se voltem à questão da Educação Sexual em sala de aula, promovendo e fortalecendo um sólido referencial teórico-analítico capaz de auxiliar os professores no aprimoramento de suas práticas e, quiçá, na tessitura de novos cenários pedagógicos de gestão dos currículos propostos para os cursos de licenciatura.

REFERÊNCIAS

- ALVÂNTARA, A. M.; VESCE, G. E. P. As representações sociais no discurso do sujeito coletivo no âmbito da pesquisa qualitativa. *In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (EDUCERE)*, XV, 2008, [s. l.]. **Anais [...]**. [S. l.], 2008. p. 2208-2220.
- ANAMI, L. F.; FIGUEIRÓ, M. N. D. Interação família-escola na Educação Sexual: reflexões a partir de um incidente. *In: FIGUEIRÓ, M. N. D. (Org.). Educação Sexual: múltiplos temas, compromissos comuns*. Londrina: UEL, 2009. p. 87-112.
- ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P. **Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**. Joinville: Univille, 2003.
- ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P. **Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**. 5. ed. Joinville: Univille, 2005.
- ASSIS, G. A. F.; SOUZA, E. E. F. de; BARBOSA, A. G. Sexualidade na escola: desafios e possibilidades para além dos PCNS e da BNCC. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 13662-13680, 2021.
- BARBOSA, L. U.; VIÇOSA, S. C. L.; FOLMER, V. A Educação Sexual nos documentos das políticas de educação e suas ressignificações. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, [S. l.], v. 11, n. 10, e772, 2019.
- BARTASEVICIUS, D. M. M.; MIRANDA, M. A. G. de C. Formação de professores para a prática de Educação Sexual nas escolas: uma reflexão a partir do pensamento docente. **Sisyphus: Journal of Education**, [S. l.], v. 7, n. 3, p. 156-178, 2019.
- BEDIN, R. C. **A história do Núcleo de Estudos da Sexualidade e sua participação na trajetória do conhecimento sexual na UNESP**. 2016. 154 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara.
- BONFIM, C. R. de S. **Educação Sexual e formação de professores de ciências biológicas: contradições, limites e possibilidades**. 2009. 267 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- BUENO, R. C. P.; RIBEIRO, P. R. M. História da Educação Sexual no Brasil: apontamentos para reflexão. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, [S. l.], v. 29, n. 1, p. 49-56, 2018.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais, ética**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Passo a passo PSE**. Programa Saúde na Escola: tecendo caminhos da intersectorialidade. Brasília: Ministério da Saúde; Secretaria de Atenção à Saúde; Departamento de Atenção Básica, 2011.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: 13 mar. 2023.

CARVALHO, L. R. S. de. **Sexualidade e Educação Sexual de alunos(as) alvo da educação especial**: concepções de professores(as). 2020. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

CATRINCK, I.; MAGALHÃES, S.; CARDOSO, Z. Políticas públicas educacionais de gênero e diversidade sexual: avanços e retrocessos. **Revista da Faeeba – Educação e Contemporaneidade**, [S. l.], v. 29, n. 58, p. 187-200, jul. 2020.

CHAVEIRO, L. G. *et al.* Análise da temática sexualidade no contexto escolar com professores da educação básica. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, [S. l.], v. 16, n. 5, p. 690-698, 2015.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Revendo a história da Educação Sexual no Brasil: ponto de partida para construção de um novo rumo. **Nuances**, [S. l.], v. IV, p. 123-133, 1998.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual**: saberes essenciais para quem educa. Curitiba: CRV, 2018.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual no dia a dia**. 2. ed. Londrina: Eduel, 2020.

GESSER, M. *et al.* Psicologia Escolar e formação continuada em gênero e sexualidade. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 229-236, 2012.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, D. A. Educação em Sexualidade no Brasil: um tour histórico e seus importantes desdobramentos para a formação do educador e desenvolvimento da área na educação escolar. **Doxa: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, Araraquara, v. 20, n. 2, p. 272-280, jul./dez. 2018.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Conceição da Feira**. 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/conceicao-da-feira.html>. Acesso em: 4 abr. 2023.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Educação Sexual: princípios para a ação. **Doxa: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, Araraquara, v. 15, n. 1, p. 75-84, 2011.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.

MENEGOLLA, M.; SANT'ANA, I. M. **Porque planejar? Como planejar?** Currículo e Área-Aula. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MONTEIRO, S. A. S.; RIBEIRO, P. R. M. Sexualidade e Gênero na atual BNCC: possibilidades e limites. **Pesquisa e Ensino**, Barreiras, v. 1, p. 1-24, 2020.

MOREIRA, M. C.; MAIA, A. C. B.; JACINTO, H. F. de A. Educação Sexual nas escolas: concepções e práticas de professores. **Revista Psicologia e Educação On-Line**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 47-54, 2020.

NOGUEIRA, N. S. *et al.* Educação Sexual no contexto escolar: as estratégias utilizadas em sala de aula pelos educadores. **Holos**, Natal, v. 3, p. 319-327, 2016.

RIBEIRO, M.; REIS, W. Educação Sexual: o trabalho com crianças e adolescentes. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 375-386, 2007.

RODRIGUES, T. D. de F. F. *et al.* As pesquisas qualitativas e quantitativas na educação. **Prisma**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 154-174, dez. 2021.

RUFINO, C. B. *et al.* Educação Sexual na prática pedagógica de professores da rede básica de ensino. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, [S. l.], v. 15, n. 4, p. 983-991, 2013.

SANTOS, J. C. dos. **A culpa é do tabu**: conversando com pais e educadores de crianças e adolescentes sobre sexualidade humana. Curitiba: Appris, 2021.

ORIENTAÇÃO Sexual e Identidade de Gênero (quais são e o que significam). **Significados**, S. d. Disponível em: <https://www.significados.com.br/diferenca-orientacao-sexual-identidade-de-genero/>. Acesso em: 19 abr. 2023.

SOUSA, P. M. T. **Contribuições para o processo de formação de professores em Educação Sexual**. 2016. 116 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia.

SOUZA, E. J.; SILVA, J. P.; SANTOS, C. Educação Sexual na escola: concepções e modalidade didática de docente sobre sexualidade, gênero e diversidade sexual. **Revista Interfaces Científicas – Humanas e Sociais**, Aracaju, v. 3, n. 3, p. 51-62, 2015.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2012.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Orientações técnicas internacionais de educação em sexualidade**: uma abordagem baseada em evidências. 2019. Disponível em: <https://www.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/369308por.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2023.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas
Curso de Licenciatura em Biologia

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Meu nome é Ellen Leal Pereira da Silva, sou estudante do curso de Licenciatura em Biologia na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Por meio do presente instrumento de pesquisa, estamos formalizando a sua participação na condição de informante do estudo intitulado **Educação Sexual na escola: percepções de professores de Ciências dos anos finais do Ensino Fundamental**, tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). O objetivo geral desta pesquisa consiste em analisar as percepções, expectativas e dificuldades dos professores de Ciências, bem como as práticas pedagógicas utilizadas ao trabalharem com a temática da sexualidade. Nessa condição, sua colaboração respondendo ao questionário será de fundamental importância. Esclareço que no ato do preenchimento não será necessária a identificação, visto que as informações colhidas terão caráter confidencial e, portanto, serão trabalhadas no sentido de atender aos objetivos da pesquisa. Este estudo está sob a orientação da Profa. Dra. Rosana Cardoso Barreto Almassy (CCAAB/UFRB). Toda e qualquer informação que permita identificá-lo será omitida, e sua identidade será mantida no mais absoluto sigilo. Este termo apresenta duas vias, ambas assinadas por mim e pelo(a) senhor(a), ficando uma cópia com cada um.

Cruz das Almas-BA, _____ de _____ de 2023

Ellen Leal Pereira da Silva
Pesquisadora

Participante
Colaborador da pesquisa

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA QUALITATIVA PARA O PROFESSOR
DE CIÊNCIAS



Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas
Curso de Licenciatura em Biologia

Questionário

Meu nome é Ellen Leal Pereira da Silva, sou graduanda do Curso de Licenciatura em Biologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Este questionário semiaberto refere-se ao meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), cujo título é: **Educação Sexual na escola: percepções de professores de Ciências dos anos finais do Ensino Fundamental**. O objetivo geral desta pesquisa é analisar as percepções, expectativas e dificuldades dos professores de Ciências, bem como as práticas pedagógicas utilizadas, ao trabalharem com a temática da sexualidade. A pesquisa está sob orientação da professora Dra. Rosana Cardoso Barreto Almassy, docente da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, do Curso de Licenciatura em Biologia, lotado no Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas (CCAAB). As perguntas a seguir serão destinadas somente para fins de pesquisa, portanto, no ato do preenchimento, não será necessária a identificação, pois as informações colhidas terão caráter confidencial. Desde já, agradeço a sua participação e colaboração!

1 INFORMAÇÕES GERAIS DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

1.1 Nome da escola que trabalha:

1.2 Idade:

1.3 Gênero: () Masculino () Feminino

2 FORMAÇÃO E SITUAÇÃO PROFISSIONAL

2.1 Formação para o Ensino Superior

() Licenciatura () Bacharelado

Curso:

Universidade:

Ano de Formação:

2.2 Situação profissional

Professor concursado

Professor não concursado

20 h 30 h 40 h Mais/especificar:

2.3 Experiência docente em anos (tempo de ensino)

Anos de experiência nesta escola:

Anos de experiência em outras escolas públicas:

Anos de experiência em escolas privadas:

2.4 Atua na sua área de formação?

Sim Não

2.5 Em quantas escolas trabalha?

1 escola 2 escolas 3 escolas 4 ou mais escolas

2.6 Número médio de alunos por turma:

até 20 alunos de 20 a 30 alunos mais de 30 alunos

2.7 Participa ou já participou de uma formação continuada sobre a temática da sexualidade?

Sim Não

Qual?

De que forma?

Atualização Especialização Mestrado

2.8 De acordo com a escala apresentada a seguir, indique o quão importante o(a) senhor(a) considera a formação continuada sobre Educação Sexual:

1. Nada importante	2. Pouco importante	3. Indiferente	4. Importante	5. Extremamente importante
--------------------	---------------------	----------------	---------------	----------------------------

Justifique sua resposta:

3 PERCEPÇÕES DOS PROFESSORES SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL E SEXUALIDADE

3.1 De acordo com a escala apresentada a seguir, que varia de discordo totalmente a concordo totalmente, indique o número correspondente à sua opinião a respeito de cada afirmação, no quadro a seguir:

1. Discordo totalmente	2. Discordo parcialmente	3. Não concordo nem discordo	4. Concordo parcialmente	5. Concordo totalmente
------------------------	--------------------------	------------------------------	--------------------------	------------------------

Importância da Educação Sexual no ambiente escolar	Nível de concordância
Adquirir consciência crítica e tomar decisões responsáveis a respeito de sua sexualidade	
Conhecer seu corpo, valorizar e cuidar da sua saúde como condições necessárias para usufruir do prazer sexual	
Respeitar a diversidade de valores, crenças e comportamentos relativos à sexualidade, reconhecendo e respeitando as diferentes formas de atração sexual e o seu direito à livre expressão do seu pensamento	
Conhecer de modo precoce práticas sexuais, incentivando o relacionamento e o ato sexual	
Reconhecer o consentimento mútuo como necessário para usufruir prazer numa relação a dois	

3.2 De acordo com Santos (2021), antes de iniciarmos qualquer discussão sobre assuntos a respeito da sexualidade, necessitamos, de imediato, entender o básico, que é de suma importância para a compreensão da Educação Sexual da criança e do adolescente. Sendo assim, explique o que o(a) senhor(a) entende sobre os termos a seguir:

3.2.1 O que o(a) senhor(a) entende por Educação Sexual?

3.2.2 E quanto aos termos sexualidade, sexo e gênero, o que você entende?

3.2.3 Por fim, o que você entende por identidade sexual e orientação sexual?

4 ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS UTILIZADAS PARA O ENSINO DOS OBJETOS DE CONHECIMENTO QUE DISCORREM SOBRE SEXUALIDADE

4.1 Observe a escala a seguir, que varia de nunca a sempre, e opine sobre a frequência e como o(a) senhor(a) trabalha temas sobre sexualidade nas aulas de Ciências.

(1) Nunca (2) Raramente (3) Regularmente (4) Frequentemente (5) Sempre

Frequência e como o tema é incluído nas aulas de Ciências	1	2	3	4	5
Ministrado dentro do planejamento					
Ministrado quando surge oportunidade					
Ministrado por solicitação da escola					
Somente por projeto da escola					

4.2 De acordo com a escala proposta a seguir, que varia de nunca a sempre, opine sobre a frequência com que você classificaria sua aula para o ensino da temática sobre sexualidade. (1) Nunca (2) Raramente (3) Regularmente (4) Frequentemente (5) Sempre

Tipo de aula adotada pelo professor	Frequência da ação
Aulas explicativas e colaborativas: exposição do conteúdo com a participação dos alunos	
Aulas demonstrativas: usa modelo didático alternativo para explicar o conteúdo	
Aulas investigativas: solicita que os alunos formulem hipóteses sobre o tema da aula	
Aulas tradicionais: expõe oralmente o conteúdo e solicita que os alunos respondam a perguntas de um questionário, com foco na aplicação direta de conceitos	
Aulas tecnológicas: usa internet e softwares educacionais	
Aulas lúdicas: uso de jogos e brincadeiras para dinamizar a participação dos alunos nas aulas	

4.3 Observe a escala a seguir, que varia de nunca a sempre, e opine sobre a frequência com que usa as estratégias e/ou recursos didáticos citados para a abordagem dos temas sobre sexualidade no ensino de Ciências Naturais.

(1) Nunca (2) Raramente (3) Regularmente (4) Frequentemente (5) Sempre

Estratégias ou recursos utilizados	1	2	3	4	5
Uso do livro didático para fazer atividades e pesquisa					
Uso do livro didático para observar imagens					
Conhecimentos prévios dos alunos para realização de diagnósticos					
Contextualização dos conteúdos com a tecnologia					
Oficinas com participação ativa dos alunos					
Palestra de especialistas na escola					
Elaboração de modelos didáticos					
Uso de colagem, pintura e modelagem					
Listas de resolução de problemas					
Desenvolvimento de projetos					
Seminários					
Uso de dinâmicas					
Dramatização					

4.4 De acordo com o Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) sobre orientação sexual, o ensino da temática da sexualidade contempla temas de estudo que estão organizados em três blocos ou eixos norteadores, são eles: 1. Corpo: matriz da sexualidade; 2. Relação de gênero e 3. Prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis³. Além disso, a temática da sexualidade está presente na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), embora de modo muito sutil. A seguir foram citados alguns conteúdos/objetos de conhecimento, assinale um

³ Importante destacar que atualmente a terminologia correta é IST (Infecções Sexualmente Transmissíveis), pois destaca a possibilidade de uma pessoa ter e transmitir uma infecção, mesmo sem sinais e sintomas.

“x” no SIM para aqueles que são abordados durante as suas aulas e NÃO para os que não são abordados durante as aulas de Ciências:

Conteúdos/Objetos do conhecimento	SIM	NÃO
Mudanças corporais na puberdade		
Anatomia e fisiologia dos sistemas genitais (masculino e feminino)		
História da sexualidade		
Métodos contraceptivos		
Infecções sexualmente transmissíveis (IST)		
Gravidez e parto		
Questões de gênero e sexualidade		
Orientação sexual		
Diversidade sexual		
Higiene íntima		
Ciclo Menstrual		
Aborto		
Abuso sexual		
Masturbação		
Ansiedade, medos e fantasias relacionados à relação sexual		
Padrão estético do corpo		
Tabus e preconceitos vinculados à sexualidade		
Pornografia		
Outros:		

5 EXPECTATIVAS E DIFICULDADES ENFRENTADAS PELOS PROFESSORES DE CIÊNCIAS PARA MINISTRAR AULAS SOBRE SEXUALIDADE

5.1 Observe a escala a seguir, que varia de discordo a concordo totalmente, e opine sobre as dificuldades que o(a) senhor(a) encontra ao ministrar aulas em relação aos temas inerentes ao ensino da temática da sexualidade.

(1) Discordo totalmente (2) Discordo parcialmente (3) Não concordo nem discordo (4) Concordo parcialmente (5) Concordo totalmente

Dificuldades para ministrar aulas sobre a temática da sexualidade	1 DT	2 DP	3 NCD	4 CP	5 CT
Falta de conhecimento teórico/prático sobre o tema					
Falta de formação continuada					
Falta de materiais didáticos para realização de atividades					
Lacunas formativas deixadas pela formação inicial					
Desmotivação para preparar aulas referentes ao tema abordado					
Dificuldade na elaboração de recursos didáticos para aulas dinâmicas e interativas					
Receio da família do aluno referente ao tema abordado					
Imaturidade dos alunos ao receber informações sobre o tema					
Influência das convicções religiosas dos estudantes da classe					
Outras:					

5.2 Observe a escala a seguir, que varia de discordo a concordo totalmente, e opine sobre as expectativas que o(a) senhor(a) tem para ministrar aulas em relação aos temas inerentes ao ensino da temática da sexualidade.

- (1) Discordo totalmente (2) Discordo parcialmente (3) Não concordo nem discordo
 (4) Concordo parcialmente (5) Concordo Totalmente

Expectativas dos professores para aulas sobre a temática da sexualidade	1 DT	2 DP	3 NCD	4 CP	5 CT
Usar muito o livro didático, o que faz com que os alunos apenas memorizem o conteúdo proposto, e somente para fins avaliativos					
Buscar identificar os conhecimentos prévios dos alunos para mediar as explicações nas aulas					
Solicitar pesquisas de cunho investigativo					
Solicitar atividades em grupo					
Elaborar modelos didáticos					
Desenvolver projetos com o auxílio dos estudantes					
Utilizar dinâmicas					
Desenvolver palestras com especialista na escola					
Aulas ministradas no estilo tradicional, pois a escola não disponibiliza recursos para realizar atividades práticas e lúdicas com os alunos					

Obrigada pela sua participação!